

**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
NÚCLEO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO ACADÊMICO EM ESTUDOS LITERÁRIOS**

CARLOS ROBERTO WENSING FERREIRA

**A LEITURA LITERÁRIA EM SALA DE AULA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O
EXERCÍCIO DA CIDADANIA**

PORTO VELHO

2017

CARLOS ROBERTO WENSING FERREIRA

**A LEITURA LITERÁRIA EM SALA DE AULA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O
EXERCÍCIO DA CIDADANIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Acadêmico em Estudos Literários-MEL, da Fundação Universidade Federal de Rondônia UNIR, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Sonia Maria Gomes Sampaio

Linha de Pesquisa: Literatura, outros Saberes e outras Artes (LSA)

PORTO VELHO

2017

BIBLIOTECA CENTRAL PROF. ROBERTO DUARTE PIRES
FICHA CATOLÓGICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Fundação Universidade Federal de Rondônia

Gerada automaticamente mediante informações fornecidas pelo (a) autor (a)

F383l Ferreira, Carlos Roberto Wensing.

A leitura literária em sala de aula e sua contribuição para o exercício da cidadania / Carlos Roberto Wensing Ferreira. -- Porto Velho, RO, 2017.

81 f.: il.

Orientador (a): Prof.^a Dra. Sonia Maria Gomes Sampaio

Dissertação (Mestrado Acadêmico em Estudos Literários) - Fundação Universidade Federal de Rondônia

1. Leitura. 2. Literatura. 3. Inclusão. 4. Cidadania. I. Sampaio, Sonia Maria Gomes. II. Título.

CDU 82:022.5

CARLOS ROBERTO WENSING FERREIRA

A LEITURA LITERÁRIA EM SALA DE AULA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O
EXERCÍCIO DA CIDADANIA

BANCA EXAMINADORA



Professora Dra. Sonia Maria Gomes Sampaio (orientadora - MEL/UNIR)



Professora Dra. Maria de Fátima Castro de Oliveira Molina (membro interno - MEL/UNIR)



Professora Dra. Nair Ferreira Gurgel do Amaral (membro externo - MEL/UNIR)

Professora Dra. Ana Maria Felipini (suplente - MEL/UNIR)

Porto Velho, 26 de julho de 2017

Dedico esta pesquisa à minha família. À minha esposa e filha, que perseveraram junto comigo para que eu tivesse a estrutura necessária para ler, pensar, pesquisar e produzir.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por me proporcionar forças para estudar e trabalhar, porque essa jornada não é fácil, mas necessária quando se tem um objetivo claro.

Aos professores do Mestrado, por proporcionar-me conhecimento ímpar abrindo novos horizontes.

À minha família, esposa e filha, que estão sempre juntas comigo, dando-me forças para continuar olhando sempre para frente.

De forma especial, agradeço à prof.^a Dr.^a Sonia Maria Gomes Sampaio, que, com muito carinho e seriedade, assumiu esta pesquisa comigo por inteiro, acreditando no meu objeto de trabalho, ajudando-me a desbravar um mundo totalmente desconhecido, orientando-me, apontando caminhos teóricos para uma prática mais coerente e com mais qualidade.

RESUMO: O tema dessa dissertação relaciona-se desenvolvimento da leitura literária enquanto fator de inclusão na escola, tendo como propósito avaliar se arte literária contribui para a formação social do aluno para o exercício da cidadania. A metodologia utilizada na pesquisa foi a de campo, que contou com a participação de 193 alunos do sexto ao oitavo ano e 02 professores de língua portuguesa. A pesquisa envolveu o levantamento quantitativo de dados e análise dos resultados. No decorrer da análise dos dados, a pesquisa mostrou que o uso da leitura literária na escola revelou que os alunos leem, contudo, não utilizam com frequência a biblioteca, inclusive alguns relataram que nunca a frequentaram, preferem ler dentro da sala de aula, não possuem o hábito de levarem livros para casa. Outra revelação interessante é o fato de preferirem as obras denominadas *best-sellers*, e não canônicas. Assim, constata-se a ausência de leitura de obras brasileiras clássicas. Percebeu-se que a jornada de trabalho docente, em muitos casos, não permite ao mesmo criar situações favoráveis ao gosto pela leitura. Os resultados apresentados mostraram a preferência pelas literaturas de massa.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Literatura. Inclusão. Cidadania

ABSTRACT: The theme of this dissertation is related to the development of literary reading as a factor of inclusion in the school with the purpose of evaluating whether it contributes to the social formation of the student for the exercise of citizenship. The methodology used in the research was the field, which had the participation of 193 students from the sixth to the eighth year and 02 teachers of Portuguese language. The research involved quantitative data collection and analysis of results. In the analysis of the data, the research showed that the use of literary reading in school revealed that students read, however, do not use frequently the library, some reported that they never attended it, prefer to read in the classroom, not Have the habit of taking books home. Another interesting revelation is the fact that they prefer works called *best sellers*, and not canonical, and the lack of reading of classic Brazilian works. It was noticed that the working day of teachers, in many cases, does not allow the same to create situations favorable to the taste for reading. The results presented showed preference for mass literatures.

KEYWORDS: Reading. Literature. Inclusion. Citizenship

LISTA DE SIGLAS

PNLD - Plano Nacional do Livro Didático

CNLD - Comissão Nacional do Livro Didático

INL - Instituto Nacional do Livro

PLIDEF - Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental

COLTED - Comissão do Livro Técnico e do Livro Didático

MEC – Ministério da Educação

PNLD EJA - Programa Nacional do Livro Didático para a Educação de Jovens e Adultos

PNBE - Programa Nacional Biblioteca da Escola

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Você gosta de ler e ouvir histórias?	42
Gráfico 2 - Que tipo de projeto literário é desenvolvido na sala de aula?.....	46
Gráfico 3 - A leitura das obras literárias contribui para a formação do indivíduo?.....	51
Gráfico 4 - Dentre os gêneros literários (poesia, poema, conto, crônica, romance...) qual você mais aprecia?.....	54
Gráfico 5 - A leitura de um livro ou de um texto ajuda você refletir e compreender o mundo de forma melhor?	58
Gráfico 6 - Você gosta de ler os livros indicados pelo seu professor (a)?.....	65
Gráfico 7 - Você gosta de colecionar textos, poemas, pensamentos?.....	70

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Pergunta 01 - 6º ano.....	42
Quadro 2 - Pergunta 02 - 7º ano.....	43
Quadro 3 - Pergunta 03 - 8º ano.....	43
Quadro 4 – Pergunta 06 - 6º ano.....	59
Quadro 5 – Pergunta 06 - 7º ano.....	59-60
Quadro 6 – Pergunta 06 - 8º ano.....	60
Quadro 7 – Pergunta 07 - 6º ano.....	61-62
Quadro 8 – Pergunta 07 - 7º ano.....	62
Quadro 9 – Pergunta 07 - 8º ano.....	62
Quadro 10 – Pergunta 08 - 6º ano.....	63
Quadro 11 – Pergunta 08 - 7º ano.....	64
Quadro 12 – Pergunta 08 - 8º ano.....	64
Quadro 13 – Pergunta 10 - 6º ano.....	66
Quadro 14 – Pergunta 10 - 7º ano.....	66-67
Quadro 15 – Pergunta 10 - 8º ano.....	67
Quadro 16 – Pergunta 11 - 6º ano.....	68
Quadro 17 – Pergunta 11 - 7º ano.....	68 -69
Quadro 18 – Pergunta 11 - 8º ano.....	69

Sumário

CDU 82:022.5	3
INTRODUÇÃO	13
SEÇÃO 1. OS PROGRAMAS INSTITUCIONAIS	16
1.1. A inserção do livro nas escolas	16
SEÇÃO 2. A IMPORTÂNCIA DA LEITURA	22
2.1. A leitura como um conjunto de práticas: tipologia e funções.	22
2.2 A leitura literária: produção de sentidos	31
2.3. Processos de inclusão social e cidadania	35
SEÇÃO 3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	42
3.1 Análise dos dados obtidos com alunos do 6º, 7º e 8º ano do Ensino	42
Fundamental na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Rio	42
Branco	42
3.2 Análise dos dados obtidos com os docentes	70
ENFIM, UMA LUZ NO FIM DO TÚNEL...	73
REFERÊNCIAS.....	78

INTRODUÇÃO

Se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto numa, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário.

(BARTHES, 1979, p.18 -19)

O interesse em pesquisar a temática “leitura literária”, objeto de estudo dessa dissertação, surgiu a partir de minhas experiências como docente da educação básica na Estância Turística de Ouro Preto do Oeste e tive a oportunidade de observar o expediente dos professores do I ciclo da educação básica, bem como de professores do II ciclo que ministravam a disciplina de língua portuguesa. Essa empreitada durou quase sete anos e foi possível perceber o esforço dos professores que, ao trabalhar obras literárias na escola, enfrentavam dificuldades por várias razões, desde a falta de espaço adequado até a falta de uma orientação de como lidar com esses alunos a literatura em sala de aula.

Ao longo de minha trajetória profissional, percebi e lidei com a dificuldade dos professores do I ciclo professores das séries iniciais), em trabalhar a leitura literária com os alunos ao mesmo tempo em que apresentavam dificuldades de aprendizagem no âmbito da leitura e escrita e isso sempre foi motivo de preocupação e discussão nas reuniões de professores. E, mesmo que os debates acontecessem nas reuniões pedagógicas sobre o fenômeno da leitura, não se chegava a investigar os fatores que contribuíam para as dificuldades apresentadas pelos professores e alunos. Discutir como se dá a relação com a literatura e sua importância na formação pessoal e social dos cidadãos, relacionando-a com o mundo à sua volta, construindo e elaborando novos significados e valores do que foi assimilado na leitura e ampliando horizontes sob novos olhares e perspectivas, gerando novas problematizações a respeito de sua necessidade e relevância.

Sabendo que a leitura literária contribui para a formação social do sujeito, possibilitando a apropriação da cidadania, buscou-se como objetivo geral saber de que forma a escola desenvolve as práticas de Leitura Literária e como ela acontece no ambiente escolar.

Por objetivos específicos, buscou-se:

- I- Identificar as formas de contribuições da prática da Leitura Literária que elucidam sua importância na formação do aluno para a cidadania;
- II- Levantar as obras existentes no âmbito escolar, bem como a que público se destina;
- III- Verificar o nível de participação da prática da Leitura Literária para a formação do aluno.

Para a realização do trabalho, utilizamos a pesquisa de campo, cuja metodologia inclui a coleta de dados primários por meio de entrevistas individuais com alunos, equipe docente da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Rio Branco.

Os sujeitos da pesquisa foram aqueles que estão diretamente relacionados ao ambiente escolar sendo eles: alunos do sexto, sétimo e oitavo anos do ensino fundamental e docentes. Participaram dessa pesquisa noventa alunos do sexto ano, setenta alunos do sétimo ano e trinta e três alunos do oitavo ano, somando os períodos matutino e vespertino e dois docentes de língua portuguesa.

O intento da pesquisa, apresentado nesse texto, é saber como a escola possibilita a apropriação da leitura literária enquanto fator de inclusão, para o exercício da cidadania e sua contribuição para formação do indivíduo. Portanto, foram utilizados questionários de forma a conferir um resultado mais próximo do esperado.

A fortuna crítica é primordial para dar sustentação à pesquisa, porque nela estão autores que defendem a leitura literária como um fator indispensável para a formação do indivíduo. Para nortear essa pesquisa, fiz o uso de vários conceitos literários defendidos por autores, tais como: Antonio Candido, Anne Marie Chartier, Magda Soares, Marisa Lajolo, Regina Zilbermam, Ivete Walty e Aracy Alves Martins Evangelista, Aparecida Paiva, dentre outros.

Na seção 1, aborda-se as diversas políticas que foram adotadas por meio de programas federais para possibilitar aos estudantes o acesso à leitura no ambiente escolar. A utilização do livro didático e sua importância, foi uma das primeiras iniciativas governamentais de acessibilidade à leitura que passou a ser distribuído a

partir de 1929 e, a partir desse ponto, vieram outras políticas de inserção de leitura no ambiente escolar. Dentre as principais ações adotadas pelo Governo Federal para garantir que as escolas pudessem ter acesso a materiais de leitura, podemos elencar:

- Decreto-lei nº 1006, de 30/12/1928;
- Decreto-lei nº 8.460, de 26/12/1945;
- Portaria Nº 2.963 de 29 de agosto de 2005;
- Decreto-lei nº 77.107, de 4/2/76;
- Plano Nacional do Livro Didático, nos anos 2000;
- Resolução nº 60, de 20 de novembro de 2009;
- Decreto nº 7.084, de 27 de janeiro de 2010.

Todas essas ações governamentais são programas destinados a prover as escolas de educação básica pública de obras didáticas, pedagógicas e literárias, bem como de outros materiais de apoio à prática educativa, de forma sistemática, regular e gratuita para garantir ao acesso aos mais diversos tipos de textos.

Quanto à seção 2, discute-se sobre a leitura como um conjunto de práticas, tipologia e funções. Adquire-se o gosto pela leitura praticando.

Na seção 3, é apresentado o contexto da pesquisa com os alunos e professores por meio da análise dos dados obtidos com alunos do 6º, 7º e 8º ano da escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Rio Branco. Nessa seção, estão os questionários aplicados aos alunos e professores da escola e as respostas obtidas. É possível ver nessa seção dados bem interessantes sobre a leitura literária na escola, bem como sua eficácia na formação social dos alunos. Um resultado obtido foram as preferências dos alunos por determinadas obras literárias. Dentre os vários tipos de literatura sejam obras canônicas, literatura popular, marginal, entre outras, há a inclinação de leituras de massa. Outro dado perceptível revelado na pesquisa é a ausência de leitura de obras clássicas da literatura brasileira.

Sob esse horizonte, é feita a apreciação dos resultados a partir dos gráficos e quadros acompanhados de suas análises interpretativas. Por último, as considerações finais ressaltam sobre as contribuições da leitura literária e as ações desenvolvidas na escola para de fato oportunizar o acesso à cidadania por meio da leitura.

SEÇÃO 1. OS PROGRAMAS INSTITUCIONAIS

~

1.1. A inserção do livro nas escolas

A partir da década de noventa, implementou-se uma grande discussão acerca da maneira como se desenvolvia e ainda se desenvolve a leitura no ambiente escolar, pois acreditava-se e ainda se acredita que, apesar de boa parte das escolas possuírem bibliotecas resultante do investimento que o governo tem feito nos últimos tempos, esse investimento possibilitou a compra de livros nos mais diversos estilos, desde os cânones passando, *best-sellers* (mais vendidos), autores locais, literatura marginal, livro didático com referências, há outros tipos de obras, ainda assim, pouco se tem feito para de fato, pelo menos inserir a literatura no contexto educacional.

A utilização das mídias impressas, rádio, televisão e a informática na escola possibilita a aquisição de novas habilidades por parte dos usuários, pois, em um texto, o leitor pode experimentar diferentes sensações além da leitura verbal; ele poderá ver esse texto representado por meio de imagens fotográficas, animação gráfica, teatral, etc. Essa diversidade textual dependerá de quais ferramentas serão utilizadas na sua construção e da intenção do público alvo a que se destina a leitura. Sobre a construção do texto, fazendo uso das mídias e ao leitor a que se destina, Dionísio, na obra *Gêneros multimodais e multiletramento*, na obra *Gêneros textuais- reflexões e ensino* organizado por Ácir Mário Karwoski et al (2005), nos diz que:

Com o advento de novas tecnologias, com muita facilidade se criam novas imagens, novos layouts, bem como se divulgam tais criações para uma ampla audiência. Todos os recursos utilizados na construção dos gêneros textuais exercem uma função retórica na construção de sentido dos textos. Cada vez mais se observa a combinação de material visual com a escrita; vivemos, sem dúvida, numa sociedade cada vez mais visual. Representação e imagens não são meramente formas de expressão para divulgação de informações, ou representações naturais, mas são, acima de tudo, textos especialmente construídos que revelam as nossas relações com a sociedade e com o que a sociedade representa. (DIONÍSIO, 2005, p.159-160)

Diante do exposto, fica evidente que a escola precisa estar preparada para atender a esses novos leitores, agregando valores e proporcionando a aquisição dos mais variados tipos de leituras. Martins e Versiane, no prefácio da obra *Leituras*

literárias: discursos transitivos, organizado por Aparecida et al. (2014), levantam a seguinte questão:

Então, como lidar com a leitura literária? Quem haveria de lidar, senão os próprios “letores”? Por quê? A palavra leitura se aproxima do espaço escolar, do domínio educacional, por seu pertencimento ao campo do letramento, da aprendizagem, do desenvolvimento e de usos da leitura e da escrita. (MARTINS E VERSIANE, 2014, p. 11)

No que se refere à resposta a essa pergunta, podemos dizer que ela não é tão simples de se obter, porque desde que se sistematizou o ensino, os grandes educadores de todas as áreas, especialmente os professores das séries iniciais e os de língua portuguesa, têm, ao longo desse processo, tentado encontrar um equilíbrio entre a abordagem do livro didático e a inserção da literatura em seu contexto, fazendo uso das tecnologias midiáticas como tentativa de conciliar ambos. Dessa forma, está havendo uma desvirtuação na intencionalidade de conciliar o componente curricular obrigatório contido nos livros didáticos com o literário, não cumprindo seu objetivo, porque esses textos são fragmentos e não foram colocados com a finalidade literária, pelo contrário, geralmente estão inseridos para exemplificar questões gramaticais. O que precisamos é rever essa metodologia, para que, de fato, a escola venha a abordar a literatura no seu sentido mais amplo:

[...] A escola se apresenta como potencial polo disseminador de uma cultura literária, rompendo seus limites e contribuindo em parte para o alargamento social da leitura (sabemos que são frequentes, por exemplo, casos de mãe que leem os livros que os filhos levam para casa). As escolhas dos alunos mostram não só modos de os leitores se relacionarem com os livros nos contextos escolares como diferentes graus de dependência quanto às práticas escolares evidenciando a importância de essas práticas se orientarem para a autonomia. (MARTINS E VERSIANE, 2014, p. 18)

A distribuição gratuita de material didático para os alunos das redes públicas de ensino básico é uma das políticas públicas mais antigas do Brasil. O Programa de distribuição de livros didáticos, intitulado Programa Nacional do Livro Didático, iniciou-se em 1929 não com essa nomenclatura atual, pois o programa já passou por várias reformulações e, conforme as necessidades educacionais, sofre mudanças devido aos ajustes e o cumprimento das metas estabelecidas pelo Plano Nacional de Educação. Este programa tem como objetivo estabelecer metas e parâmetros a serem

adotados e seguidos por todas as escolas públicas em todo o território nacional visando oferecer uma educação de qualidade que oportunize a todos condições de igualdade e qualidade na formação para o trabalho, identificando as potencialidades das dinâmicas locais e o exercício da cidadania. Para Osakabe (2014, p. 46), [...] “o domínio da cultura escrita e seus padrões faz parte do rol das exigências mínimas do exercício da cidadania das sociedades letradas”.

Desta forma, o que se ensina na escola deve ter uma razão e essa razão pode ser entendida como o preparo para vida pessoal e para a participação na sociedade. Graça Paulino, na obra *Leituras Literárias: discursos transitivos*, (2014, p. 63), assevera que “a leitura literária deve ser processada com mais autonomia tendo os estudantes direito de seguir suas próprias vias de produção de sentidos, sem que estes deixem, por isso, de serem sociais”, ou seja, faz-se necessária uma nova prática pedagógica da leitura literária para reverter o atual quadro, que em nada contribui para o desenvolvimento das habilidades de leitura e interpretação dos mais diversos contextos em que se exige, além do ato de ler e escrever, a compreensão do literário e suas variações.

Apesar de não prever a disponibilidade para a educação infantil, existem outros programas que contemplam esses alunos. Sua distribuição acontece a cada quatro anos, momento em que várias editoras colocam à disposição dos professores de todas as escolas públicas, suas coletâneas para que os professores das redes estaduais e municipais se reúnam e analisem as obras para adotarem o que melhor atende as necessidades de formação do aluno.

Em 1928, o Decreto-lei nº 1006, de 30/12/1928, institui a Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD), criando, assim, a primeira política de legislação e controle de produção e circulação do livro didático no Brasil e o Decreto-lei nº 8.460, de 26/12/1945, consolida a legislação sobre as condições de produção, importação e utilização do livro didático, conforme definido no art. 5º.³ É importante lembrar que esse critério de escolha permanece até hoje, porém os professores atualmente

³ DECRETO-LEI N º 8.460, DE 26 DE DEZEMBRO DE 1945.

Art. 5º - Os poderes públicos não poderão determinar a obrigatoriedade de adoção de um só livro ou de certos e determinados livros para cada grau ou ramo de ensino nem estabelecer preferência entre os livros didáticos de uso autorizado, sendo livre aos professores de ensino primário, secundário, normal e profissional a escolha de livros para uso dos alunos, uma vez que constem da relação oficial das obras de uso autorizado.

recebem treinamento para poder escolher o livro que melhor se adeque aos conceitos de habilidades e competência.

O artigo 5º do Decreto – Lei nº 8.460, de 26/12/45 é reforçado através da edição da Portaria Nº 2.963 de 29 de agosto de 2005 que dispõe sobre as normas de conduta para o processo de execução dos Programas do Livro e nela está garantido ao professor o direito de participação na escolha do livro que irá trabalhar com seus alunos nos próximos quatro anos.

O Ministério da Educação implementa o sistema de coedição de livros com as editoras nacionais, com recursos do Instituto Nacional do Livro (INL), no ano de 1970 por meio da Portaria nº 35, de 11/3/1970, e, no ano seguinte, o INL passa a desenvolver o Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental (PLIDEF), assumindo as atribuições administrativas e de gerenciamento dos recursos financeiros até então a cargo da Comissão do Livro Técnico e do Livro Didático (COLTED).

Em 1976, o governo assume a compra de boa parcela dos livros para distribuir parte para as escolas e unidades federadas e esta ação passou a ser regida pelo Decreto-lei nº 77.107, de 4/2/76, contudo, os recursos, bem como o material didático, não eram suficientes para atender à demanda e boa parte das escolas municipais não eram atendidas. Dessa forma, foram excluídas do programa, mas, a partir de 1995, volta à universalização da distribuição no ensino fundamental passando a contemplar as disciplinas de matemática e língua portuguesa. Em 1996, a de ciências e, em 1997, as de geografia e história.

Daí a importância de buscarmos, desde as séries iniciais uma relação literária com os textos, que transcenda suas limitações e inadequadas escolarizações. Ler literariamente esses textos, desde o início do processo de escolarização. Lê-los literariamente significa resgatar aquela configuração que foi perdida na didatização da literatura, recuperando propostas adequadas de textos produzidos para o público infantil que não se limitem à condição de mais um apêndice para a aquisição da leitura e da escrita (PAIVA E MACIEL, 2014, p.116).

Em 1983, o grupo responsável pela verificação e correção de problemas encontrados nos livros didáticos sugeriu a participação dos professores na escolha dos livros e na ampliação do programa incluindo as demais séries do ensino

fundamental, tornando o processo mais transparente e democrático e mais próximo da realidade do aluno e do professor.

Nos anos 2000, o Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) passou a distribuir dicionários da língua portuguesa para uso dos alunos de 1ª a 4ª e posteriormente a todos os níveis de ensino série. Em 2001, os livros didáticos passam a ser entregues no final da vigência de quatro anos do livro didático anterior, oportunizando aos alunos iniciarem o ano letivo com os novos livros. Em atendimento às políticas públicas de inclusão aos alunos de necessidades especiais, o MEC passa a oferecer livros didáticos em braile, bem como outros recursos para os alunos com deficiência visual moderada ou total.

Atualmente, esses alunos são atendidos também com livros em libras, caractere ampliado e na versão *MecDaisy*. O programa possibilita acessar o texto por meio de áudio, caractere ampliado e diversas funcionalidades de navegação pela estrutura do livro, disponibilização de *laptop* para estudantes cegos dos anos finais do ensino fundamental, do Ensino Médio, da Educação de Jovens e Adultos - EJA e Educação Profissional. Há à disposição das escolas outros materiais que atendam a outras necessidades para que esses alunos tenham condições de aprendizagem igual aos demais, respeitando, claro, suas especificidades e limitações. Até a educação de jovens e adultos passa a ser contemplada com distribuição de livros didáticos pelo Programa Nacional do Livro Didático para a Educação de Jovens e Adultos (PNLD EJA), através da publicação da resolução nº 18, de 24 de abril de 2007, sendo regulamentada através da resolução nº 51, de 16 de setembro de 2009.

Atualmente, as escolas estão recebendo muitos recursos didáticos a respeito de atender as metas estabelecidas no Plano Nacional de Educação, inclusive laboratórios de informática que já vêm com uma vasta biblioteca interativa *offline* e com acesso à internet onde há a disponibilidade de conexão, ferramenta, indispensável nos dias atuais, contudo, ainda existem muitas discrepâncias, pois há regiões no Brasil em que tudo isso parece uma utopia, onde os recursos assegurados por leis nunca chegaram até aos alunos em função das políticas públicas que levaram a efeito a sua não competência.

Sabendo da importância desse programa de distribuição de livro, é publicada a Resolução nº 60, de 20 de novembro de 2009, que trouxe algumas inovações, determinando que as escolas que quisessem receber o livro deveriam fazer sua adesão. A referida resolução passa também a incluir as escolas de ensino médio,

além de adicionar ao seu portfólio de distribuição, livros de inglês ou espanhol para a língua estrangeira moderna e os livros de filosofia e sociologia (em volume único e consumível).

Apesar de todo os avanços, os livros passam por um critério de análise e de escolha que, por mais que se pretenda obter a imparcialidade na sua escolha e adoção, talvez haja uma propensão dos que o fizeram e dos que irão escolhê-lo. Pode-se considerar o decreto nº 7.084, de 27 de janeiro de 2010, um marco, pois, além de dispor sobre os procedimentos para execução dos programas de material didático: o Programa Nacional do Livro Didático e o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), faz referência em seus artigos primeiro e oitavo⁴ às obras literárias.

A grande discussão da inserção da literatura na educação fez com que renomados autores brasileiros (Mariza Lajolo, Graça Paulino Aracy Martins Zélia Versiane, Magda Soares, Regina Zilberman, etc.), e estrangeiros (Anne Marie Chartier, etc.) que perceberam e começaram a fazer relevantes questionamentos sobre como se tem trabalhado a literatura na escola e como ela é abordada no livro didático, acreditando que a metodologia adotada não contempla todos os aspectos literários, atingindo parcialmente os objetivos a que ela se destina, prejudicando a plena compreensão do que é literatura e da sua importância social

⁴ DECRETO Nº 7.084, DE 27 DE JANEIRO DE 2010.

Art. 1º Os programas de material didático executados no âmbito do MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO são destinados a prover as escolas de educação básica pública das redes federal, estaduais, municipais e do Distrito Federal de obras didáticas, pedagógicas e literárias, bem como de outros materiais de apoio à prática educativa, de forma sistemática, regular e gratuita.

Art. 8º O Programa Nacional Biblioteca na Escola - PNBE tem como objetivo prover as escolas públicas de acervos formados por obras de referência, de literatura e de pesquisa, bem como de outros materiais de apoio à prática educativa.

SEÇÃO 2. A IMPORTÂNCIA DA LEITURA

2.1. A leitura como um conjunto de práticas: tipologia e funções.

Seja qual for a finalidade da leitura, ler nunca é uma tarefa fácil, pois requer muitas habilidades cognitivas e sociais, haja vista que nossa sociedade possui diversas tipologias e funções com normas próprias de nomear nossos textos e as leituras de acordo com cada situação. A leitura literária, além do conjunto de práticas, necessita de funções e tipologias para ter sentido e significado e, segundo Rildo Cosson na obra *Letramento literário: teoria e prática* (2006), a leitura é constituída por um conjunto de sistemas:

[...] trata-se, pois, de um polissistema, que compreende as várias manifestações literárias. Esses sistemas, em conjunto com o sistema canônico, precisam ser contemplados na escola, assim como as ligações que mantêm com outras artes e saberes. É essa a visão mais ampla da literatura que deve guiar o professor na seleção das obras (2006, p. 47).

Partindo desse pressuposto, podemos elencar alguns tipos de leitura, ressaltarmos algumas: Para Marina de Andrade Marconi e Eva Maria Lakatos na obra *Metodologia do Trabalho Científico* (2009), na qual elencam os tipos de leitura como: de entretenimento ou distração, de cultura geral ou informativa e de aproveitamento ou formativa.

a) De entretenimento ou distração – visando apenas ao divertimento, passatempo, lazer, sem maiores preocupações com o aspecto do saber. Talvez tenha um mérito: o de despertar, no leitor, o interesse em consequência a formação do hábito da leitura. Neste item estão incluídos alguns tipos de periódicos e de obras literárias (LAKATOS; MARCONI, p.16, 2009).

Esse tipo de leitura está estritamente ligado à leitura informativa, uma vez que visa o entretenimento, o passatempo sem pleitear do leitor uma aplicação do que se lê, não objetiva um fim específico. Sua função se dá em razão de desenvolver o hábito pela leitura. Mesmo assim, é possível através desse tipo de leitura aprender e conhecer novos caminhos e horizontes. Essa leitura, apesar de ser considerada de entretenimento, permite ao leitor o uso da leitura de periódicos e de obras literárias,

mas sem uma finalidade científica, pois destina a cumprir a satisfação do desejo, permitindo que leitor fuja da realidade.

O leitor deseja escapar da realidade, quer viver em um mundo sem responsabilidades, regras, imposições sem limites. Esse tipo de leitura oportuniza às pessoas a construção imaginária de um mundo ideal, só seu, onde tudo é feito conforme sua vontade e necessidades. A leitura escapista geralmente é encontrada em revistas ilustradas, gibis, HQs e romances. Geralmente a leitura escapista é tida como uma leitura de pouco ou nenhuma importância para a literatura canônica, porque, no entendimento dos críticos literários, o modo como ela é consumida não representa um fim específico a não ser o de entretenimento, sendo considerada como um produto sub literário. Magda Soares, na obra *A escolarização da leitura Literária: o jogo do Livro Infantil e Juvenil* (1999), defende que a escola enquanto instituição deve ater-se para que os alunos adquiram diferentes competências de aprendizagem, principalmente na leitura:

[...] a escola é uma instituição em que o fluxo das tarefas e das ações é ordenado através de procedimentos formalizados de ensino e de organização dos alunos em categorias (idade, grau, série, tipo de problema, etc.), categorias que determinam um tratamento escolar específico (horários, natureza e volume de trabalho, lugares de trabalho, saberes a aprender, competências a adquirir, modos de ensinar e de aprender, processos de avaliação e de seleção, etc.). É a esse inevitável processo — ordenação de tarefas e ações, procedimentos formalizados de ensino, tratamento peculiar dos saberes pela seleção, e consequente exclusão, de conteúdos, pela ordenação e sequenciação desses conteúdos, pelo modo de ensinar e de fazer aprender esses conteúdos — é a esse processo que se chama escolarização, processo inevitável, porque é da essência mesma da escola, é o processo que a institui e que a constitui. Portanto, não há como evitar que a literatura, qualquer literatura, não só a literatura infantil e juvenil, ao se tornar “saber escolar”, se escolarize, e não se pode atribuir, em tese, como dito anteriormente, conotação pejorativa a essa escolarização, inevitável e necessária; não se pode criticá-la, ou negá-la, porque isso significaria negar a própria escola. (SOARES, 1999, p.21.)

Proporciona ao leitor habilidades literárias, porque lhe dá a oportunidade de fazer leituras que agradam e dessa forma mantém o hábito de ler e se aperfeiçoar enquanto leitor crítico.

b) De cultura geral ou informativa – tendo como objetivo tomar conhecimento, de modo geral, do que ocorre no mundo, mas sem grande profundidade. Engloba trabalhos de divulgação, ou seja, livros, revistas e jornais... (LAKATOS; MARCONI, p.16, 2009).

A leitura informativa é destinada à indústria cultural ⁵ que dita o gosto e os costumes da massa social. Essa leitura faz com que a sociedade tome conhecimento do que acontece à sua volta, mas sem aprofundamento, ou seja, seu objetivo principal é informar o cidadão do fato acontecido servindo de orientação na vida do ser humano e, neste sentido, podemos citar as seguintes ferramentas que cumprem com essa função: livros, jornais impressos ou eletrônico (telejornais), sites de notícias corriqueiras (internet), plantões de notícias e a radiofônica.

Essa indústria faz uso da informação para seduzir a população para a aquisição de bens, e por isso ela induz ao consumo desenfreado. Ela entorpece, hipnotiza e induz a mente com propagandas chamativas e ilusórias para convencer o leitor de que ele realmente necessita de tal produto.

Por ser uma literatura do povo, é considerada no meio acadêmico da área de Letras e de Literatura, como produto sem qualidade científica, de gosto duvidoso destinado a um público com pouca instrução formal, conceituado como semiculto e, porque não dizer incultos, por possuírem pouca instrução formal, sendo que sua origem surgiu com o advento da revolução industrial e formação do conceito atual de sociedade juntamente com a propagação dos meios de comunicação: mídia impressa, rádio, televisão e, por último, a informática convergindo-se entre si. Ela visa interesses de lucratividade e uniformidade ideológica, porque é produzida em larga escala e, geralmente, uma obra é lançada mundialmente em diferentes países, atingindo instantaneamente um público ainda maior, sistematizando as preferências, os gostos, a maneira como a população pensa, sente e age.

Esse tipo de leitura é considerada uma sublitteratura, pois está à margem do enigmático acervo canônico, do sistema da Academia de Letras e da crítica especializada em literatura. Desmerecer essa nova modalidade de literatura, que, traz novos estilos e temas que agradam as crianças, os jovens e os adultos que compõem

⁵ Os filósofos alemães, integrantes da Escola de Frankfurt – Theodor W. Adorno e Max Horkheimer -, foram os responsáveis pela criação do termo 'Indústria Cultural'. Eles anteviam a forma negativa como a recém-criada mídia seria utilizada durante a Segunda Guerra Mundial. Para maiores esclarecimentos, acesse: <http://www.infoescola.com/sociedade/cultura-de-massa/>

a maioria da sociedade, é o mesmo que ignorar uma valiosa fonte de estudos. Estabelecer critérios do que é Literatura canônica ou não canônica é uma questão que não há um consenso com relação à resposta, mesmo porque não há conclusão sobre isso. A interpretação sobre o que é ou não canônico, sofre as influências do tempo e muda de acordo com as convicções dos estudiosos e críticos.

A distinção do que é, ou não, um texto literário, independe de sua classificação quanto à Literatura Canônica ou à Literatura Marginal e, segundo Márcia Abreu na obra *Cultura letrada: literatura e leitura* (2006), “não são suas características internas, e sim o espaço que lhe é destinado pela crítica e, sobretudo, pela escola no conjunto dos bens simbólicos”. (ABREU, 2006, p. 40).

Abreu (2006) continua dizendo que a definição da Literatura não pode estar diretamente ligada aos anseios de um determinado grupo de intelectos, porque, deste modo, ela irá refletir as suas concepções:

O prestígio social dos intelectuais encarregados de definir Literatura faz que suas ideias e seu gosto sejam tidos não como uma opinião, mas como a única verdade, como um padrão a ser seguido. O conceito de Literatura foi naturalizado – ou seja, tomado como natural e não como histórico e cultural – e por isso se tornou tão eficiente. Por esse motivo, em geral, as definições são tão vagas e pouco aplicáveis. Apresenta-se a Literatura como algo universal, como se sempre e em todo lugar tivesse havido literatura, como se ela fosse própria ao ser humano. [...]. Nós temos que discutir o que é literatura, pois ela é um fenômeno cultural e histórico e, portanto, passível de receber diferentes definições em diferentes épocas e por diferentes grupos sociais. (ABREU, 2006, p. 41).

Embora seja considerada de senso comum, popular, foi uma das primeiras manifestações retratando a chegada em solo brasileiro. Sua principal função é a de informar. No século XV, na Europa, houve uma grande expansão comercial em busca de novas rotas comerciais marítimas para a Índia. O colonizador acabava por se deparar com a descoberta de novas terras e as cartas eram a única maneira de registrar toda as descobertas da nova terra, de riquezas naturais desde a fauna, flora, com toda sua exuberância ainda desconhecida, exótica e os nativos e seus costumes e crenças ainda desconhecidos, num período de plena expansão comercial e para Abreu (2006):

O popular propicia, ainda hoje, algum encanto, mas a ele é reservado um lugar bem delimitado: o lugar do folclórico, do exótico, do primitivo. Nas aulas de literatura pouco ou nada se estuda sobre as composições populares. Elas têm mais chance nos estudos sociológicos e antropológicos. (ABREU, 2006, p. 54).

Por se tratar de um gênero muito usado desde a invenção da escrita para propiciar a comunicação entre as pessoas, a carta era a principal fonte de informação e por muito tempo assim foi e muitos estudos literários tinham a carta como seu principal objeto de estudo e, nesse sentido, Abreu (2006) continua sua exploração sobre o assunto afirmando que:

O gênero era novo, não fazia parte da tradição clássica, era lido por gente sem muita instrução, era vendido aos montes. Em suma: devia ser banido do mundo das Belas Letras. Apesar das insistentes reclamações, que entram pelo século XXI, uma crítica mais poderosa, a do público leitor, deu seu veredicto e permitiu a consolidação do gênero. Estima-se que aproximadamente dois mil romances foram publicados durante o século XVIII na Inglaterra, o que ajuda a entender a existência de tamanha má vontade com o gênero (ABREU, 2006, p. 106).

Com a expansão dos meios de comunicação e da informação nos dias atuais, esse gênero permite ao docente a oportunidade de unir o útil ao agradável, visto que é uma excelente ferramenta para iniciar o aluno no mundo letrado, já que vai ao encontro de suas preferências, uma vez que, com novas leituras, sempre há possibilidades de conectar-se entre o antigo e o atual, entre a leitura canônica e a marginalizada, possibilitando, assim, uma interação entre elas, mesmo que restrita.

Uma menção importante de nossa história sob a ótica colonial com relação à “descoberta” do Brasil por Pedro Alves Cabral refere-se à carta escrita para a Colônia Portuguesa, retratando a nova terra. Essa carta é considerada a primeira obra escrita sobre o Brasil.

c) De Aproveitamento ou Formativa – cuja finalidade aprender algo de novo ou aprofundar conhecimentos anteriores. Exige do leitor atenção e concentração. Essa espécie de leitura deve ser efetuada em livros e revistas especializados. (LAKATOS; MARCONI, p.16, 2009)

Leitura formativa: tem como finalidade a instrução, a absorção de informações para uma determinada ação, está ligada à formação geral das pessoas e a seu

aperfeiçoamento para a convivência e atuação em sociedade, no convívio em família, no trabalho, no contexto cultural, político e econômico.

O conhecimento acumulado pela sociedade permite hoje uma oportunidade ímpar de assimilação de novos saberes e ao mesmo tempo conhecer o processo que nos trouxe até aqui, e a escrita acelerou esse processo. Com relação aos saberes literários, Antonio Candido no texto “*O direito à Literatura*”, publicado na obra *Vários escritos* (2011), nos diz que:

[...] a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas... (CANDIDO, 2011. p.177)

A leitura, objetiva formar o indivíduo, dotá-lo de saberes, de preparo para a sociedade, cujo objetivo é ensinar e aprender algo novo ou aperfeiçoar conhecimentos já assimilados, requerendo do leitor dedicação e absorção. O leitor deve ser conduzido a realizar leituras específicas que retratem determinada área do conhecimento de seu interesse em livros e revistas

Podemos encontrar outras definições de tipos de leitura e isso depende de autor para autor com abordagens diferentes e que, no decorrer da leitura, a finalidade pode fazer com que mude a tipologia e a função da leitura, a depender do leitor. Antonio Carlos Gil, na obra *Como elaborar projetos de pesquisa* (2002), nos traz as seguintes espécies de leitura: Leitura exploratória, Leitura seletiva, Leitura analítica e Leitura interpretativa. Quanto a Leitura exploratória:

Esta é uma leitura do material bibliográfico que tem por objetivo verificar em que medida a obra consultada interessa à pesquisa. A leitura exploratória pode ser comparada à expedição de reconhecimento que fazem os exploradores de uma região desconhecida. É feita mediante o exame da folha de rosto, dos índices da bibliografia e das notas de rodapé. Também faz parte deste tipo de leitura o estudo da introdução, do prefácio (quando houver), das conclusões e mesmo das orelhas dos livros. Com esses elementos, é possível ter uma visão global da obra, bem como de sua utilidade para a pesquisa (GIL, 2002, p.77).

A leitura exploratória permite ao leitor ter uma visão geral do texto para descobrir a essência do texto a ser utilizado. Esse tipo de leitura é primeiro contato com o que se deseja obter. Após esse primeiro contato, o leitor definirá para qual tipo de leitura irá dedicar-se. O leitor irá destacar as principais informações do texto que considera relevantes para sua pesquisa ou atividade a ser desenvolvida na sala de aula. Com relação à Leitura seletiva, Gil (2002) afirma que:

A leitura seletiva é mais profunda que a exploratória; todavia, não é definitiva. É possível que se volte ao mesmo material com propósitos diferentes. Isso porque a leitura de determinado texto pode conduzir a algumas indagações que, de certa forma, podem ser respondidas recorrendo-se a textos anteriormente vistos (GIL, 2002, p.78).

Nessa modalidade de leitura, o leitor terá como objetivo a busca de textos para uma finalidade específica, concentrando-se no conteúdo que está interessado. A leitura é mais por uma busca rápida de informações que possam ser úteis de acordo com o interesse do leitor. Dessa forma, utiliza-se de uma rápida leitura do título, subtítulos, do sumário, do prefácio, dos primeiros parágrafos de cada título afim de encontrar alguma citação que tenha relevância para a pesquisa. A partir das escolhas feitas, o leitor fará uma leitura sistemática e detalhada do material e o fichamento para poder usar em sua produção textual. Pode ser interpretada como uma leitura cognitiva porque requer habilidades e técnicas e conhecimento do que se está à procura e em Ensaio Aspectos da leitura. Uma perspectiva psicolinguística, Vilson J. Leffa (1996):

O indivíduo não apenas sabe, mas sabe que sabe, ou mesmo até que ponto não sabe. É uma espécie de avaliação e controle do próprio conhecimento. Essa avaliação envolve não apenas o produto do conhecimento, mas o controle do próprio processo necessário para se chegar ao produto, ou seja, o sujeito não tem apenas consciência do resultado da tarefa, mas também consciência do processo que deve seguir para chegar ao resultado. (1996, p.49).

Na Leitura analítica, conforme Gil (2002):

A leitura analítica é feita com base nos textos selecionados. Embora possa ocorrer a necessidade de adição de novos textos e a supressão de outros tantos, a postura do pesquisador, nesta fase, deverá ser a de analisá-los como se fossem definitivos.

A finalidade da leitura analítica é a de ordenar e resumir as informações contidas nas fontes, de forma que estas possibilitem a obtenção de respostas ao problema da pesquisa (GIL, 2002, p.78).

A Leitura Analítica: esta deve ser adequada à leitura que se pretende fazer do texto, ou seja, permite a compreensão integral de seu significado. Desenvolve a compreensão e a interpretação crítica dos textos e no aperfeiçoamento do raciocínio lógico, suprimindo-o de recursos para o labor intelectual desenvolvido nos mais diversos campos de atuação das ciências, seja por palestras, congressos, debates, fóruns, seminários, artigos, comunicações, dissertações, teses, grupos de estudos dirigidos ou não, no estudo individual, na elaboração de resumos, resenhas, relatórios etc. É uma leitura muito exigida no campo acadêmico, sendo feita a partir de indicações de textos pelo professor ou área de interesse de atuação. A leitura analítica exige do leitor uma apreciação objetiva para que se possa compreender e interpretar as intenções do autor e ao contexto em que está inserido o texto.

Os leitores praticam-na numa velocidade de leitura maior e com mais compreensão, porque já passaram pelos estágios anteriores principalmente pelo aperfeiçoamento na prática da leitura seja na escola ou em casa, já conhecem a maioria dos signos e por isso não perdem tempo na tentativa de buscar a compreensão, porque já os conhecem. Em alguns momentos da leitura, entra em ação a compreensão instintiva, aperfeiçoando-a ainda mais a cada leitura melhorando as habilidades linguísticas, tais como a leitura silenciosa e verbal. Nesse método, o leitor (pesquisador) irá pautar-se principalmente na leitura de textos já selecionados, após uma criteriosa seleção e a respeito desse processo seletivo, Bastos (2009, p.59), diz:

Leitura analítica: ela se dá fundamentalmente a partir da leitura dos textos já selecionados, embora isto não queira dizer que se exclua totalmente a hipótese de se estudar outros novos textos para o enriquecimento da pesquisa em questão. Contudo, tal fase se caracteriza basicamente pelo momento em que os textos devem ser prioritariamente analisados “como se fossem definitivos”.

É um processo em que o leitor tem uma concepção das ideias a serem seguidas e esse processo é muito utilizado por pesquisadores, pois é uma fase muito importante da pesquisa bibliográfica. É na pesquisa bibliográfica que o leitor fará suas anotações, fichamentos para destacar o que realmente é necessário para sua pesquisa. Na leitura analítica, a leitura silenciosa ou mental é mais rápida do que a verbal e acaba sendo mais útil quando se trata de estudos. Convém ressaltar que a leitura verbal em situações específicas é mais necessária do que a mental, porque somente por meio

dela é possível realizarmos certas atividades, como, por exemplo: discursos, oratórias, peças teatrais, recitais, etc.

A leitura analítica é mais adequada ao leitor especializado, o que possibilita a leitura com mais velocidade sem perda de conteúdos e, mesmo sendo habilitado, pode fazer o uso ou de uma ou de outra, dependendo da situação. O processo de absorção mental é vantajoso para quem possui o hábito de ler com frequência, visto que primeiro temos que visualizar para depois poder expressar fonologicamente e, para quem não está totalmente aperfeiçoado com este método, recorrerá à leitura verbal para poder entender o significado do texto. Ademais, a leitura analítica, não pode ser entendida unicamente como um conjunto de habilidades que utilizamos para fins próprios, pelo contrário, é importante que haja clareza na comunicação com o público para que também consigam compreender o significado. Para Gil (2002), a leitura interpretativa:

[...] constitui a última etapa do processo de leitura das fontes bibliográficas. Naturalmente, é a mais complexa, já que tem por objetivo relacionar o que o autor afirma com o problema para o qual se propõe uma solução. Na leitura interpretativa, procura-se conferir significado mais amplo aos resultados obtidos com a leitura analítica (GIL, 2002, p.79).

Entre os mais diversos tipos de leitura, podemos também citar a leitura literária: um instrumento muito utilizado nas escolas, pois permite a compreensão do significado dos textos, levando em consideração as relações do texto em questão com outros do mesmo assunto ou de outros autores nacionais ou internacionais, do mesmo período ou de épocas diferentes em que foram escritos, relacionando-os com a atualidade, possibilitando uma leitura reflexiva, mas que também oportunize o livre pensamento, que o leitor possa sonhar, emocionar-se.

A leitura literária deve ser o prelúdio para o entendimento de formação para o estudo de um leitor crítico, relacionando tudo o que lê com o mundo à sua volta e compreender a pluralidade de significados desse modo e, para melhor entendimento, usaremos Cosson (2006, p. 23)

[...] devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura [...], mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização.

Assim sendo, podemos afirmar que a leitura literária eleva a capacidade de entender a sociedade, uma vez que rege nosso modelo de comunicação. Não importa onde estejamos, estaremos sendo bombardeados com informações, mensagens que são transmitidas por meio de diferentes canais linguísticos, sejam eles verbal e não verbal. Porém, caberá ao leitor crítico saber como interpretar os diferentes textos literários e de que forma irá lidar com os diferentes contextos bem como os significados a que se destinam.

Assim sendo, por meio da leitura que faz, o leitor desenvolve relações com o contexto sócio histórico cultural e aperfeiçoará o processo ensino-aprendizagem. Dentre os vários tipos de leitura citados, existem muitas outras classificações de acordo com a concepção de diferentes autores que abordam a temática leitura.

Todas essas tipologias de leitura geralmente são muito empregadas no ensino superior e pouco utilizadas na educação básica, mas são de suma importância desde o ensino básico porque permite ao aluno melhor compreensão do que está lendo e qual sua finalidade e, além de tudo, o torna um leitor mais crítico e conhecedor.

2.2 A leitura literária: produção de sentidos

O ensino da literatura nas escolas requer uma aproximação entre as pesquisas teórico-acadêmicas e as práticas pedagógicas educacionais. Nesse sentido, implica dizer que, entre outros aspectos, é preciso que não fique somente nas pesquisas teórico-acadêmicas, restritos ao saber universitário, é urgente pensar sobre a formação do docente, como está a estrutura curricular na educação básica e as estruturas curriculares na universidade. É preciso rever toda a estrutura curricular, rediscutir os objetivos da literatura no contexto da educação básica para que a literatura chegue aos alunos do modo como ela deve ser promovida de maneira adequada aos leitores, pois é sabido que, na atualidade, houve uma subversão no ensino literário nas escolas.

Essa subversão se dá em razão de a escola, ao invés de mostrar todo o texto literário, traz nos livros didáticos apenas fragmentos de obras o que não ajuda no entendimento e muitas vezes não possa ser entendido como uma publicação literária literário, pois ao fragmentá-lo, faz com perca seu sentido. Esses fragmentos cumprem outra função, tais como, ensinar a questão linguística, a escrita formal, entre outras modalidades da língua portuguesa, quando de fato, a literatura oportuniza ao aluno acesso a distintas modalidades literárias através dos mais diversos textos, sejam eles, da literatura canônica, marginal, *best-sellers*, indígena, africana, feminina e atuando junto ao ensino proporcionando ao aluno o aperfeiçoamento da escrita, do vocabulário e dando-lhe a oportunidade de conhecer o processo sócio-cultural-histórico de determinada época da sociedade. Assim sendo, podemos dizer a literatura é uma construção social que se manifesta pela escrita e pela leitura:

[...] a leitura como um processo de interação. Parte-se do princípio de que para haver interação é necessário que haja pelo menos dois elementos e que esses elementos se relacionem de alguma maneira. No processo da leitura, por exemplo, esses elementos podem ser o leitor e o texto, o leitor e o autor, as fontes de conhecimento envolvidas na leitura, existentes na mente do leitor, como conhecimento de mundo e conhecimento linguístico, ou ainda, o leitor e os outros leitores. No momento em que cada um desses elementos se relaciona com o outro, no processo de interação, ele se modifica em função desse outro. (LEFFA, 1999, p.14,15).

Quanto ao leitor e ao texto, é necessária a interação entre ambos, comunicando-se entre si e aos demais elementos elencados na citação acima, entretanto, antes o leitor precisa, ao menos, ter compreensão básica de elementos gráficos: palavras, sinais para que flua a comunicação entre leitor/texto. Também é necessária uma interação leitor e o autor, pois esse processo de leitura começa a partir do momento em que se inicia a vida escolar e, a partir do domínio da leitura, se fará presente para uma melhor compreensão do mundo em que vivemos sob diversos olhares e perspectivas sociais. A atividade de leitura faz parte de nossa rotina, e nos será solicitada em diferentes contextos.

Na leitura e na escrita do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. (COSSON 2006, p.17)

Existe um nível de qualificação de leitura e escrita para cada demanda social sendo que o nível de qualificação de cada indivíduo será determinado pelas habilidades e pelo nível de escolaridade que possui acerca da leitura e da escrita. Com relação às fontes de conhecimento envolvidas na leitura e as existentes na mente do leitor, como conhecimento de mundo. São formações adquiridas com o aperfeiçoamento da leitura com o uso de diferentes textos e suas aplicabilidades linguísticas. Peguemos como exemplo o entendimento de Cosson (2006, p. 11-12) em que afirma que a leitura literária não pode ser entendida somente como ato de ler e escrever, mas:

Trata-se não da aquisição da habilidade de ler e escrever como conhecemos usualmente a alfabetização, mas sim da apropriação da escrita e das práticas sociais que estão a ela relacionadas. Há, portanto, vários níveis e diferentes tipos de letramento. Em uma sociedade essencialmente letrada, como a nossa, mesmo um analfabeto tem participação, ainda que de modo precário, em algum processo de letramento. Desse modo, um indivíduo pode ter um grau sofisticado de letramento em uma área e possuir um conhecimento superficial em outra, dependendo de suas necessidades pessoais e do a sociedade lhe oferece ou demanda.

Vivemos em uma sociedade em que a habilidade de ler e de escrever são extremamente necessárias, porque todo nosso sistema de comunicação tem por base comum a leitura e a escrita, ainda assim encontraremos pessoas analfabetas, porque apesar de o ensino ser obrigatório no Brasil de hoje, nem sempre foi assim; a educação até pouco tempo atrás não era obrigatória e, por essa razão, as famílias de baixa renda retiravam seus os filhos da escola para poder ajudar no orçamento familiar.

Sendo assim, encontraremos pessoas analfabetas e semianalfabetas que fazem parte desse mundo letrado e convivem com ele com muitas dificuldades. As

habilidades de leitura e escrita estão em constante transformação e aperfeiçoamento, pois, a todo momento, o leitor se deparará com textos de diferentes épocas e os correlacionará com outros textos. Quanto ao leitor e os outros leitores, a interação acontece por meio da discussão da obra lida em que cada um exporá suas opiniões possibilitando a cada participante ser contemplado com diferentes interpretações sobre o mesmo assunto.

A comunicação entre leitores também pode ocorrer por meio de leituras de produções na sala de aula, revistas especializadas em publicações sobre assuntos ou áreas específicas, ou por meio da internet, onde existem inúmeras produções sobre determinado conteúdo em que cada autor coloca sua interpretação sobre um assunto que outrora fora lido e resultou numa produção textual e, desse modo, basta que o internauta direcione sua busca por nomes, autores, títulos que automaticamente terá uma infinidade de produções a seu dispor.

Assim, o diálogo interação ocorre não pela presença de ambos, mas pela exposição do pensamento crítico na produção textual que está disponível para o leitor em questão que, ao ler a produção, consegue compreender a intenção de quem a escreveu concordando ou não com a ideia exposta. Essa troca de ideias possui uma riqueza imensurável, pois cada leitor terá a oportunidade de analisar o texto segundo, as interpretações de seus colegas de modo a possibilitar novos olhares sobre o mesmo assunto. A leitura literária terá sentido quando o indivíduo for capaz de ler e compreender a mensagem contida no texto, ou seja, seu sentido está diretamente ligado ao hábito da leitura de modo que podemos entender – nas palavras de Cosson (2006, p.29) – que “O segredo maior da literatura é justamente o envolvimento único que ela nos proporciona em um mundo feito de palavras.”

A prática da leitura exige a habilidade de estabelecer inter-relações com diversos gêneros textuais fazendo com que ao ler, o indivíduo sinta prazer pela leitura e ao mesmo tempo em que faz o uso social da mesma extraindo-lhe as informações necessárias para construir, reconstruir e modificar conceitos que servirão para a nossa formação enquanto sujeitos sociais, seja na nossa individualidade ou na nossa coletividade, pois “literatura não se ensina, aprende-se com ela. Mas, à medida que se aprende, é possível passar para os outros um pouco daquilo que o prazer da leitura deixou em nós”. (MARTINS E VERSIANE, 2014, p. 18)

A leitura literária deve oportunizar a independência social para que se tenha condições de enfrentar os desafios sociais por meio do conhecimento adquirido nas

leituras e a cada nova leitura, incorporar novos saberes e fazer uso deles no seu dia-a-dia e ao longo da vida. É a leitura que nos propiciará as habilidades necessárias para desenvolvermos plenamente nossa função enquanto entes sociais.

À medida que a escola, professores forem aproximando esses leitores de obras literárias, e o leitor for capaz de estabelecer uma inter-relação com diversos textos e gêneros de modo que possam ter uma visão no contexto sociocultural. A leitura literária começa a produzir sentido, porque está oportunizando ao leitor muito mais do que a codificação e decodificação no âmbito dos códigos verbais e não verbais, ela exerce o papel na produção de sentido. É através da leitura que se pode experimentar fatos, entender as mudanças ocorridas no processo de transformação sociocultural, sejam por influência da vida familiar, religiosa, profissional, econômica, educacional, política, cultural, histórica, do meio ambiente em que as pessoas vivem.

2.3. Processos de inclusão social e cidadania

Embora o mundo em geral afirme que a leitura é extremamente necessária e benéfica à humanidade, ainda assim, há pouco investimento e quando há, não gera resultados eficazes e não está acessível a todos. A escola de forma geral, por mais que se reclame dela, ainda é uma das únicas propositoras de leitura e é nela que muitos alunos, por mais que estejamos em pleno século XXI, só possuem a escola como única fonte de acesso à leitura, porque o acesso às obras literárias, apesar de todos os avanços sociais, tecnológicos, é restrito a um grupo muito seletivo da sociedade. A leitura literária permite a construção e a elaboração de novos significados e valores do que foi assimilado na leitura ampliando horizontes sob novos olhares, novas perspectivas gerando novas problematizações a respeito de sua necessidade e relevância e, neste sentido, Branco (2014) afirma que:

A maior parte dos saberes produzidos no âmbito das leituras literárias é provisória [...]. Mas todos eles são discutíveis e contestáveis [...], sendo considerado normal que um leitor especializado venha a rejeitar, num determinado momento do seu percurso, uma leitura por ele realizada anteriormente. Essa é, talvez, uma das verdades mais poderosas dos estudos literários: a consciência da efemeridade descomplexada das leituras e dos conhecimentos por ela suscitados. (BRANCO, 2014, p.97)

A compreensão literária, quando se destina ao cumprimento da função social, possibilita o desenvolvimento de uma sociedade mais justa, pois permite a contemplação de toda a organização do sistema social e dá às pessoas a oportunidade do discernimento, de escolhas, de novos caminhos, sendo fundamental para construção de novos saberes linguísticos e para o desenvolvimento intelectual, ético, moral, religioso, político, social e harmônico dos seres humanos.

É à literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. Por isso a literatura é importante no currículo escolar: o cidadão, para exercer, plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos. (LAJOLO, 2006, p.106).

Assim, a sua atuação na formação individual das pessoas possibilita a assimilação de novos conceitos e valores sociais, culturais e familiares, seja pela apropriação da escrita, da leitura e interpretação do mundo nos mais diferentes espaços culturais desde a nossa moradia, a escola, praças entre outros, sendo essencial e fundamental para a instrução e desenvolvimento social e humano colaborando para a formação educacional dos alunos para o exercício da cidadania e discutir como se dá essa relação com a prática no âmbito escolar na participação social e na formação enquanto sujeitos.

As contribuições da leitura literária interferem diretamente no modo como cada cidadão se vê no contexto social. A influência que a mesma exerce na formação, bem como os instrumentos utilizados na construção da identidade e sua atuação como instrumento político e social, tudo isso possibilita a apropriação da cidadania. A sociedade como a conhecemos hoje, não consegue se desenvolver sem o domínio da cultura escrita e Osakabe (2014) nos diz que:

[...] Por outro lado, é inegável também que, por conta de sua inscrição temporal, a consagração dos cânones é tributária de forças sociais ou culturais de impacto relativo. A moda, o prestígio fortuito de determinado autor, ou estilo, interesses editoriais, políticos, tudo isso contribui para a constituição do cânone. Autores e obras envelhecem, caem no esquecimento. Tornam-se extemporâneos ou obsoletos como o próprio idioleto em que foram escritos. [...] mas é inegável também é que autores subsistem e reafirma-se acima dos tempos e acima dos limites da própria cultura (OSAKABE, 2014, p.46).

A prática da compreensão Literária na escola atua para a formação da cidadania dos alunos, e de que forma acontece essa prática no ambiente escolar contribuindo na formação social do sujeito para se possível, possibilitar a apropriação da cidadania. Neste sentido, Martins e Versiane (2014), assevera que:

[...] A escola se apresenta como potencial polo disseminador de uma cultura literária, rompendo seus limites e contribuindo em parte para o alargamento social da leitura (sabemos que são frequentes, por exemplo, casos de mãe que leem os livros que os filhos levam para casa). As escolhas dos alunos mostram não só modos de os leitores se relacionarem com os livros nos contextos escolares como diferentes graus de dependência quanto às práticas escolares evidenciando a importância de essas práticas se orientarem para a autonomia (MARTINS E VERSIANE, 2014, p. 18).

Vivemos em uma sociedade globalizada no qual o acesso à informação é extremamente necessário, mas, apesar de todo esse avanço, ainda assim, somos uma sociedade carente de informação, haja vista que o capitalismo apesar de proporcionar riquezas, entre elas a produção de obras literárias e difundi-las por meio de editoras, *e-books*, etc., continua inacessível a boa parcela da sociedade, em especial os de menor renda, e, desta forma, a escola se destaca como um dos instrumentos a proporcionar o acesso à leitura literária a esses indivíduos.

A literatura proporciona ao indivíduo uma interação de forma crítica, permitindo-lhe interpretá-la, analisá-la, dando-lhe autoconhecimento para adaptar-se às circunstâncias formando laços sociais, quer seja pela sua conjectura social dando às pessoas oportunidades de discernir, de escolher novos caminhos, quer seja pelos seus compromissos sociais. Destaca-se por possibilitar o ato de educar para incluir, pois oportuniza o saber aos excluídos socialmente, do qual Antonio Candido na obra *Literatura e Sociedade* (2006) diz:

A literatura já não depende mais dos estudantes para sobreviver, nem eles precisam mais da literatura como expressão sua, para equilibrar-se na sociedade. No lapso corrido desde o decênio transformador de 1870, deu-se um processo decisivo: a literatura é absorvida pela comunidade — antes impermeável a ela — e deixa de ser manifestação encerrada no âmbito de um grupo multifuncional, ao mesmo tempo produtor e consumidor. Formou-se um público, e se não a profissão e escritor (cujas primeiras associações se esboçam aqui pouco antes de 1890), certamente uma atividade literária que não mais depende de um só grupo, recrutando os seus membros em vários deles (CANDIDO, 2006, p. 165).

A literatura reflete nas relações do ser humano com o mundo e com os seus próximos, no modo de encarar a vida, de questionar a existência, de questionar a realidade, o meio em que vive, e de organizar a convivência na sociedade. A Literatura no sentido amplo influencia o sujeito a partir das interpretações feitas das leituras dos textos, como define Candido (2006):

Com efeito, entendemos por literatura, neste contexto, fatos eminentemente associativos; obras e atitudes que exprimem certas relações dos homens entre si, e que, tomadas em conjunto, representam uma socialização dos seus impulsos íntimos. Toda obra é pessoal, única e insubstituível, na medida em que brota de uma confiança, um esforço de pensamento, um assomo de intuição, tornando-se uma "expressão". A literatura, porém, é coletiva, na medida em que requer uma certa comunhão de meios expressivos (a palavra, a imagem), e mobiliza afinidades profundas que congregam os homens de um lugar e de um momento, para chegar a uma "comunicação".

Assim, não há literatura enquanto não houver essa congregação espiritual e formal, manifestando-se por meio de homens pertencentes a um grupo (embora ideal), segundo um estilo (embora nem sempre tenham consciência dele); enquanto não houver um sistema de valores que enfebre a sua produção e dê sentido à sua atividade; enquanto não houver outros homens (um público) aptos a criar ressonância a uma e outra; enquanto, finalmente, não se estabelecer a continuidade (uma transmissão e uma herança), que signifique a integridade do espírito criador na dimensão do tempo. (CANDIDO, 2006, p. 146,147).

Vivemos numa sociedade em que as mudanças são constantes e significativas para a humanidade e a literatura como parte integrante do saber humano sofre influência do meio social e também o influencia colaborando para a construção de uma identidade social e Candido (2011) contempla afirmando:

Entendo por humanização o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 2011. p.183).

As obras literárias pelo olhar do escritor apresentam problemáticas típicas do convívio social, e ao fazer isso corrobora na construção do equilíbrio do pensamento, da diversidade cultural e intelectual e aprimorando o senso crítico. Ainda, neste aspecto de acordo com Candido (2006), destaca-se que

[...] a criação literária corresponde a certas necessidades de representação do mundo, às vezes como preâmbulo a *uma praxis* socialmente condicionada. Mas isto só se torna possível graças a uma redução ao gratuito, ao teoricamente incondicionado, que dá ingresso ao mundo da *ilusão* e se transforma dialeticamente em algo empenhado, na medida em que suscita uma visão do mundo. (CANDIDO, 2006, p. 64)

A literatura como inclusão é um preparo para o convívio social, dando oportunidade às pessoas de participar ativamente, de conviver com outras diferenças desmistificando rótulos que foram dados há muito tempo por estarem desconectados desta realidade.

Quanto maior for o número de pessoas que usufruírem da literatura, maior será o grau de inclusão social dos indivíduos possibilitando evidenciar fatores oriundos do convívio social como, por exemplo, problemas pessoais, coletivos, costumes, organização social, política, familiar e religiosa.

A leitura contribui de forma significativa para a formação do indivíduo, faz com que o mesmo se perceba na sociedade, analisando-a no seu dia a dia e, diversificando visões e interpretações sobre o mundo com relação aos fatos cotidianos da vida. Sabe-se que a leitura deve ser praticada em ambientes favoráveis à sua aprendizagem e, para tanto, o domínio da linguagem adquirido a partir da leitura e da escrita deve perpassar por todas as áreas do conhecimento, diante disso, Goulart (2007) explana o seguinte:

[...] o letramento literário no sentido que a literatura nos letrava e nos libertava, apresentando-nos diferentes modos de vida social, socializando-nos e politizando-nos de várias maneiras, porque nos textos literários pulsam forças que mostram a grandeza e a fragilidade do ser humano... (GOULART, 2007, p.64,65)

É necessário que saibamos que existem diversas formas de aprender e interagir com o mundo, de perceber-se, de aprender a conviver melhor com o outro e a literatura proporciona tudo isso, sendo parte essencial do saber, possibilitando a compreensão do indivíduo com o mundo.

É preciso lembrar que os leitores precisam ter autonomia quanto à escolha das obras que irão ler, sem estarem aprisionados a um sistema estruturante que define o que se pode ou não ler no contexto literário, que possam desenvolver suas próprias escolhas de leitura e Paulino (2014) diz que leitura literária deve ser:

[...] processada com mais autonomia, tendo os estudantes o direito de seguir suas próprias vias de produção de sentidos, sem que estes deixem, por isso, de serem sociais. Trata-se de uma outra didática da leitura literária, que pode reequilibrar o individual e o coletivo... (PAULINO, 2014, p. 63)

Mais adiante, Paulino (2014) continua a dizer o seguinte:

As motivações para a leitura literária teriam de ultrapassar esse contexto de urgência e ser encaradas em nível cultural mais amplo que o escolar, para que se relacionem à cidadania crítica e criativa, à vida social, ao cotidiano, tornando-se um letramento literário de fato, ao compor a vida cotidiana da maioria dos indivíduos (PAULINO, 2014, p. 65).

Neste aspecto do texto como fonte literária, é possível identificar a intenção do autor, e está ligado ao processo de construção social e, sua escrita reflete a realidade em que está inserido, pois, para Garcez (1998), a leitura influencia o leitor, de modo que:

[...] O texto, enquanto ação com sentido constitui uma forma de relação dialógica que transcende as regras das relações linguísticas, é uma unidade significativa de comunicação discursiva que tem articulações com outras esferas de valores. Exige a compreensão como resposta, e esta compreensão configura o caráter dialógico da ação, pois é parte integrante de todo processo da escrita e, como tal, o determina (GARCEZ 1998, p.63).

A escola não deve direcionar sua função apenas para o ensino da leitura mecanizada, enrijecida, mas deve oportunizar ao aluno a maestria de múltiplas escolhas. Essa multiplicidade só será possível com a disseminação da leitura literária no sentido amplo, sem o uso do sistema de classificação de obras, pois esse sistema, de certo modo, tem sua função, mas limita as oportunidades de ampliação do conceito de literatura. A literatura expressa o pensamento social da humanidade e, desse modo, desenvolverá nos alunos a habilidade de viver em sociedade, já que é a partir do conhecimento assimilado que poderão desempenhar suas funções sociais. Ao impor somente a leitura de obras canônicas, a escola estará reproduzindo o conceito ótico do eurocentrismo, restrito ao olhar de uma elite que detém o poder de decisão de classificação de valores estéticos do que entra e do que fica de fora desse seleto grupo de obras eruditas. Partindo desse conceito, devemos entender que o leitor não pode ficar condicionado apenas a uma determinada modalidade de leitura, uma vez que, segundo Michéle Petit, na obra *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva* (2008):

O leitor não é passivo, ele opera um trabalho produtivo, ele reescreve. Altera o sentido, faz o que bem entende, distorce, reemprega, introduz variantes, deixa de lado os usos corretos. Mas ele também é transformado: encontra algo que não esperava e não sabe nunca aonde isso poderá levá-lo (PETIT, 2008, p. 28-29)

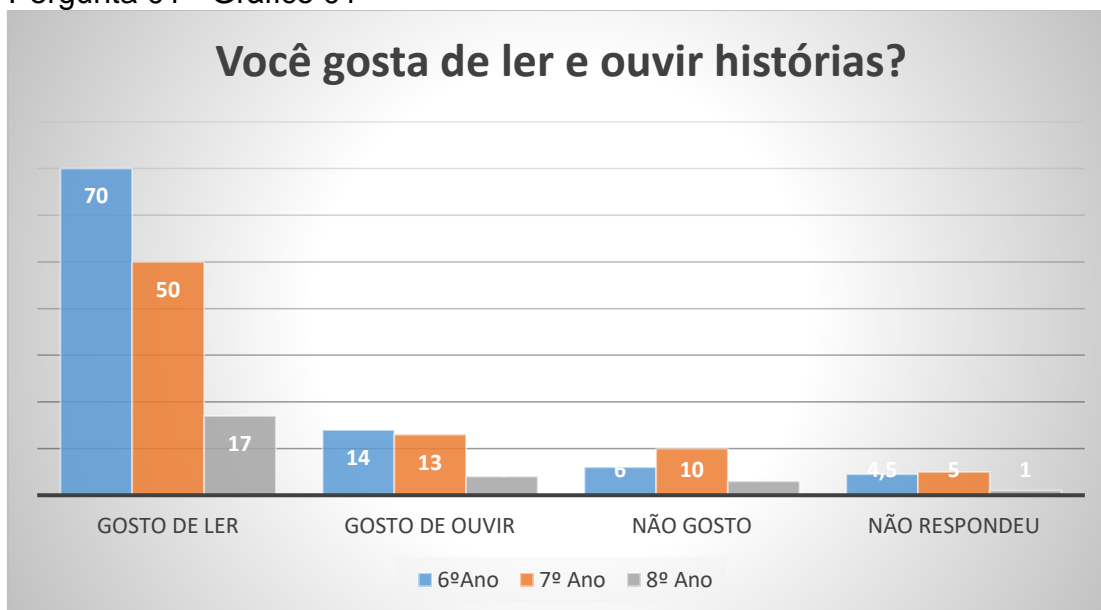
O mais importante para se ensinar a leitura literária é propiciar ao aluno a compreensão necessária de fazer escolhas face aos mais diversos tipos de textos literários; que ele veja a leitura como um campo aberto sem restrições estilísticas, estéticas, do que é ou não erudito. Enfim, não precisará ser algo que se encaixe nos já estabelecidos estilos literários, mas que essa leitura tenha relevância e significado para o usuário, independentemente de sua classificação.

SEÇÃO 3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3.1 Análise dos dados obtidos com alunos do 6º, 7º e 8º ano do Ensino Fundamental na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Rio Branco

Estabelecido o roteiro/questionário para aplicação na pesquisa de campo, através do uso da entrevista com alunos e professores, procede-se com a análise e discussão dos resultados colhidos em campo. No primeiro momento, foram feitas as análises com base nas respostas obtidas dos alunos, retratando o que realmente sabem e pensam sobre a leitura e a literatura e posteriormente com os professores. Para facilitar a compreensão na interpretação dos dados, a sequência será a seguinte: primeiro será exposto os dados do sexto, sétimo, oitavo anos e professores.

Pergunta 01 - Gráfico 01



Fonte: elaboração do autor a partir das informações obtidas através do questionário aplicado.

Quadro 01 - Pergunta 01

6º ano. Quais você mais gosta?

Mangá – Poesias – Fábulas – Bíblia – Turma da Mônica – Três Mosqueteiros – Sítio do Pica-Pau Amarelo – A Culpa é das Estrelas – Lendas de Terror - Contos de Princesas – Aventuras – Diário de um Banana- Mitologia – Chapeuzinho Vermelho – Contos de Fadas – Harry Potter – Ficção Científica – Como Eu Era antes de Você – Fatos Históricos – Pinóquio - Três Porquinhos

Fonte: elaboração do autor a partir das informações obtidas através do questionário aplicado.

Quadro 02 - Pergunta 01

Pergunta 01.
7º ano. Quais você mais gosta?
Bíblia – As Aventuras de Pi - A Culpa é das Estrelas – Lendas de Terror - Diário de um Banana – Suspense – Ação – Drama – João e Maria – Comédia – Aventuras – Jogos Vorazes – Engraçadas – Romances

Fonte: elaboração do autor a partir das informações obtidas através do questionário aplicado.

Quadro 03 - Pergunta 01

Pergunta 01.
8º Ano. Quais você mais gosta?
Dramas – Romance- Ação – Suspense – Comédia- aventura – Fatos Históricos – Enigmas – Trilogias – Lendas – Ficção Científica -

Fonte: elaboração do autor a partir das informações obtidas através do questionário aplicado.

Na pergunta (01), a maioria dos alunos do sexto, sétimo e oitavo anos, afirmaram que gostam de ler e ouvir histórias e elencaram as que mais gostaram de ler e ouvir. Conforme mostram os quadros, prevalece a leitura de obras literárias não canônicas.

Essas obras, algumas consideradas *best-sellers* (mais vendidos), como *Harry Potter*, *A Culpa é das Estrelas*, *Jogos Vorazes*, *Diário de um Banana*, *As Aventuras de Pi*, entre outras, por sua grande aceitação pública e por sua aproximação com o público infantojuvenil, trazem temáticas que despertam e alimentam o sonho desses leitores. Essas obras estão no gosto dos alunos e devemos entender o porquê dessa preferência. Todas elas foram transformadas em filmes com grande bilheteria. Existem duas preferências que chamaram a atenção por sua distinção, principalmente por serem obras que foram transformadas em filmes de grande aceitação de um público infantojuvenil: a primeira foi *A culpa é das Estrelas*. Essa obra conta a história de dois jovens adolescentes Hazel Grace Lancaster e Augustus Waters, ambos sofrendo de câncer e se conhecem na clínica de tratamento. A obra *O diário de um Banana* tem um público masculino e apareceu no sexto e sétimos anos. Essa obra conta as desventuras escolares de Greg Reffley, uma criança que lida com colegas que já se barbeiam. Trata-se de uma situação muito corriqueira em todas as escolas e muitos alunos se identificam com a personagem.

Houve também a citação de clássicos da literatura infantojuvenil como *Pinóquio*, *Os Três Porquinhos*, *João e Maria*, *Os Três Mosqueteiros*, contos de fadas e de princesas. Quanto a obras da literatura brasileira, houve somente a menção do Clássico de Monteiro Lobato: *O Sítio do Pica-Pau Amarelo*. Obra que também possui adaptação televisiva em formato de série e de desenho. Com relação à literatura

infantojuvenil de autores brasileiros, os dados mostram que quase não há obras citadas e quando há, são quase inexistentes comparadas a outras obras. Entretanto, é possível notar que a escola recebe esses livros. O interessante é questionar o porquê a escolha dessas obras serem (selecionadas) compradas pelo Ministério da Educação e enviadas para a escola. Outro ponto é porque há a preferência dos “mais vendidos” ao invés dos clássicos infantojuvenis.

Os dados revelam uma considerável diminuição no gosto pela leitura do sexto para o sétimo ano. Uma das possibilidades a ser considerada é o fato de o sexto ano ser uma série que finaliza o primeiro ciclo do ensino fundamental e os alunos ainda trazem na memória as leituras praticadas no ano anterior com o objetivo de aperfeiçoar a compreensão da leitura e da escrita, por ainda estarem no processo de letramento.

Há menção da leitura de mangás e gibis no quadro do sexto ano, contudo, precisamos entender de onde veio o conhecimento e a prática dessa leitura: de casa pelos pais, ou da escola, por sugestão do professor ou se foi por escolha própria do aluno. Façamos alguns questionamentos: em um primeiro momento, há a necessidade de analisar que tipo de temática/conteúdo contêm essas revistas e se é adequado para o público infantojuvenil. É importante fazer um breve histórico do surgimento das revistas em quadrinhos e sua inserção no contexto educacional. As primeiras histórias em quadrinhos, também chamadas de HQs, remontam do ano de 1895 com as primeiras aparições no jornal *New York World*, famoso jornal estadunidense que circulou de 1860 até 1931. Nasceram como gênero, sendo a narração umas das principais fontes de expressão e geralmente eram publicadas em tirinhas criada por F. Outcalt e protagonizada Yellow Kid, um menino chinês que morava em um bairro popular de Nova Iorque. Sua origem sempre esteve ligada à indústria cultural dos impressos e de lá para cá houve muita transformação visual e gráfica para chegar ao visual da era digital. Atualmente, existe uma infinidade de revistas para todos os tipos de gostos, para todo o tipo de público.

As revistas em quadrinho caíram no gosto popular e atingiram em cheio o público infantojuvenil, gerando um alvoroço na indústria editorial, porém começou a sofrer ataques da classe social dominante, entre eles, a classe política, educacional, religiosa, que viam nos quadrinhos uma perda de tempo e que nada traziam de benefício intelectual. A utilização das revistas em quadrinhos, por muito tempo, não era vista como uma fonte de leitura ideal nas escolas, porque não enquadrava -se

entro dos parâmetros educacionais, uma vez que os educadores e a sociedade entendiam que seus princípios e objetivos eram pautados nos valores comerciais. No Brasil, as revistas mais famosas são as da Turma da Mônica de Maurício de Sousa. Essas revistas estão hoje disponíveis nas escolas e a sua leitura é muito incentivada. Também há de super-heróis, tais como Superman, Batman, os Mutantes, Homem Aranha, Homem de Ferro, entre muitas outras. Cada revista é desenvolvida para um público específico e nem sempre é adequada para os alunos e, por essa razão, sua leitura deve ser supervisionada porque algumas contêm conteúdo violentos, com conotação sexual e em nada contribuirão para o desenvolvimento social.

Fica evidente a preferência e gosto pelas obras populares independentemente da classificação literária. O importante é que o aluno tenha acesso às mais variadas obras, incluindo as literárias; que conheça diferentes intenções, interpretações, diferentes realidades. Isso só é possível através da leitura, “ao ler ficamos sabendo como é estar na pele de gente que leva uma vida muito diferente da nossa, passando por situações inusitadas.” (ABREU,2006, p.81.)

Houve a citação da leitura da Bíblia no sexto e sétimo anos, e esta é uma das obras que possui publicação e leitura no mundo inteiro sendo lida por crianças e adultos nos países onde existem cristãos. Geralmente, esse tipo de leitura é feita em casa com os pais que incentivam a leitura e leem para seus filhos ou nas igrejas durante a missa ou culto. É importante salientar que o Estado Brasileiro em sua Carta Magna afirma ser um Estado laico, o que não impede que as escolas e bibliotecas tenha exemplares dessa obra, pois a mesma é uma coletânea de textos e por essa razão, é uma obra literária e sua leitura deve ser incentivada independentemente de opção religiosa.

O interessante nessa comparação foi perceber que o oitavo ano não citou livros, mas, sim, gêneros textuais e literários, contudo, é importante salientar que os estudiosos literários fazem uma distinção entre os clássicos e os modernos. Quando se trata da leitura literária, a classificação pouco importa, pois sempre estão surgindo novas manifestações sociais que não estão enquadradas nas teorias da literatura, mas que não deixam de ser manifestações e merecem atenção tal qual outra obra inserida na classificação literária. Podemos entender que ao relatarmos gêneros literários e textuais, os alunos já possuem noção sobre a classificação de gêneros e isso é muito importante na formação do indivíduo, porque lhe possibilita múltiplos saberes.

Das pontuações com relação a essa pergunta, principalmente no sexto e sétimo anos, podemos chegar a algumas considerações: há a prevalência pelo gosto de obras da literatura de massa porque são obras que possuem grande divulgação e são transformadas em filmes, séries e acabam por despertar ainda mais o interesse de quem assistiu, mas que ainda não havia lido; possuem uma linguagem acessível e direta que se aproxima da realidade linguística do leitor. Outro fato revelado durante a pesquisa foi a quase inexistência de citação de obras literárias brasileiras. Podemos considerar que um dos fatores pode ser sua pouca divulgação, poucas obras no acervo da biblioteca escolar, falta de divulgação ou falta motivação por parte do docente pelos motivos acima citados.

Sejam quais forem os fatores, é um dado que chamou a atenção e isso faz com que esses alunos deixassem de conhecer grandes obras e nomes da literatura nacional que inclusive são referência nacional e internacional com grande impacto entre os críticos. A ausência de leitura de obras brasileiras é um dado preocupante, pois os alunos não estão tendo acesso e isso faz com que deixem de conhecer a história de nosso país, saber da importância que possuem essas obras no contexto nacional e o que estão deixando de aprender sobre os grandes autores nacionais e sobre o mundo.

Pergunta 02 - Gráfico 02.



Fonte: elaboração do autor a partir das informações obtidas através do questionário.

Na pergunta (02), foram verificados projetos que são desenvolvidos na escola e a grande preferência foi o de ler na sala de aula em todos os anos pesquisados. Os fatores que levam esses alunos a lerem dentro da sala de aula geralmente é porque se sentem confortáveis onde estão. A leitura dentro da sala de aula requer certas reflexões, pois ela deve ter regras e um fim porque sabemos que dentro de uma sala

de aula o silêncio não é uma primazia, então deve ser feita com muita cautela por parte dos professores e é um elemento que não pode ser descartado, porque, em muitas situações, dado ao tempo curto que o professor possui para lecionar, a sala de aula acaba sendo o lugar mais acessível para trabalhar com os alunos.

A leitura individual requer alguns procedimentos que devem ser adotados por todos os leitores independente de quem seja, iniciante, intermediário ou avançado, entre eles tem que haver silêncio, concentração. Até mesmo a leitura feita em grupo para fins de debate e discussão segue os mesmos critérios para ouvir o orador e ter uma melhor compreensão do que foi lido e Paulo Freire já sugeria essas ações para uma compreensão do que se está lendo e ouvindo. Para ser um bom leitor, há a necessidade de certas habilidades, tais como compreensão clara do que está escrito e do que foi lido, partindo da compreensão em decodificar palavras contidas nos textos, frase por frase, parágrafo por parágrafo de modo que, ao final da leitura, consiga juntar e compreender o todo.

Ler é uma operação inteligente, difícil, exigente, mas gratificante. Ninguém lê ou estuda autenticamente se não assume, diante do texto ou do objeto da curiosidade a forma crítica de ser ou de estar sendo sujeito da curiosidade, sujeito da leitura, sujeito do processo de conhecer em que se acha. Ler é procurar ou buscar criar a compreensão do lido; daí, entre outros pontos fundamentais, a importância do ensino correto da leitura e da escrita (FREIRE, 1997, p. 20)

Não pode ser responsabilidade exclusiva do professor de língua portuguesa o desenvolvimento pela prática da leitura, pois, se assim fosse, a escola perderia em parte sua função social e trataria o conhecimento de forma desvinculada socialmente e isso a afetaria. A leitura deve perpassar por todas as demais disciplinas de inter e transdisciplinar conforme preconiza os PCNs, mas a realidade brasileira é que “os temas transversais são abordados de forma pouco significativa do ponto vista social” (PAULINO, 2008, p.64).

Vejo que a leitura em sala de aula apesar de muito corriqueira nas escolas pode não ser muito produtiva, porque limita as opções de relaxamento do aluno leitor e existem aqueles que não estão interessados em ler e acabam por atrapalhar os demais. Outro fator que não se pode desconsiderar é a questão do espaço na escola. Quanto ao espaço existente, não consegue atender completamente aos objetivos da leitura silenciosa por se tratar de um espaço que é colocado não como recinto de

leitura, mas de pesquisa de obras. Em muitos casos, o espaço é reduzido e não proporciona uma sensação de conforto ao leitor e isso acaba por interferir no desenvolvimento dos processos de leitura mesmo porque dentro da sala existe a limitação do tempo, pois as disciplinas escolares estão estruturadas em horas-aula e as aulas com maior carga horária possuem quatro horas semanais que precisam estar divididas entre os conteúdos didáticos necessários à formação social.

A partir desse ponto, o máximo que o professor consegue desenvolver de leitura em sala de aula é de uma hora e isso não basta para que os alunos consigam desenvolver as habilidades de letramento necessárias à sua formação, além do fator superlotação. Essa leitura, por mais que seja praticada com boa intenção, não cumpre todo o processo de aperfeiçoamento do letramento, tornando-se uma leitura superficial, mecânica e que não atinge por completo as potencialidades do leitor e pode-se afirmar que em algum momento não atinge objetivo algum. Além da limitação do tempo e da superlotação, o espaço não é adequado para desenvolver a leitura. Por mais que se encontre dificuldades, os professores estão sempre preocupados em fazer com que os alunos aprendam todos os processos que envolvem o letramento, pois como diz (LAJOLO, 2006).

Ninguém nasce sabendo ler: aprende-se a ler à medida que se vive. Se ler livros geralmente se aprende nos bancos da escola, outras leituras se aprendem por aí, na chamada escola da vida: a leitura independe da aprendizagem formal e se perfaz na interação cotidiana com o mundo das coisas e dos outros (LAJOLO, 2006, p. 7).

O processo da leitura deve ser contínuo, pois até as pessoas com formação superior precisam ler constantemente, porque o processo de letramento é contínuo e não pode ser interrompido, pois a sociedade e a ciência estão em constante movimentação.

Com relação à leitura na biblioteca, de noventa alunos do sexto ano, 17 afirmaram frequentá-la. Dos setenta e oito alunos do sétimo ano, cinco alunos disseram usar o ambiente e nenhuma visita de alunos do oitavo ano. Fazemos alguns apontamentos quanto ao interesse pelo uso da biblioteca. As bibliotecas nas escolas são vistas como depósitos de livros, que não oferecem atratividade, espaço pequeno, os livros em sua maioria não possuem catalogação por categorias, os profissionais que atendem esses alunos não possuem formação específica para auxiliá-los, pois em sua maioria são pessoas que foram readaptadas e dessa forma não sabem como

ajudar os alunos na escolha das leituras. O profissional mais indicado para atuar nas bibliotecas escolares é o infoeducador, profissional especializado em processos educacionais. A biblioteca é um espaço indispensável nas escolas seja para a leitura individual e mediada, fato que aproxima as pessoas do saber diversificado, que leva o indivíduo a descobertas, a novos horizontes e amplia a concepção social.

Neste caso específico da escola pesquisada, há existência de um espaço destinado para a guarda e leitura de livros, mas o que faz então esses alunos não gostarem de ir à biblioteca? Seria a falta de tempo, como já foi mencionado anteriormente, devido ao cronograma disciplinar? Seria a falta de espaço no planejamento do professor? Ou será que os alunos não se sentem à vontade no ambiente por considerá-lo inadequado, sem atrações? Ou simplesmente há o desinteresse? Ou as ações que a escola desenvolve para o incentivo da leitura não estão alcançando plenamente seus objetivos?

A biblioteca escolar: Possui a função educativa e cultural. A primeira auxilia a ação do aluno e a do professor e, a segunda complementa a educação formal, ao oferecer possibilidades de leitura, colaborando para que os alunos ampliem os conhecimentos e as ideias acerca do mundo, além de incentivar o gosto pela leitura na comunidade escolar (RIBEIRO, 1994, p.61)

Sejam quais forem as circunstâncias que desmotivem esses alunos, é necessário desenvolver ações que os estimule a frequentar a biblioteca, que sintam prazer em ficar em seu ambiente, que as disposições dos livros sejam atraentes, que contenha informações sobre cada tipo de livro para que o aluno vá direto aos gêneros de seu interesse. Sabemos que se o aluno tiver que ficar procurando muito pelo que lhe interessa, acaba por se aborrecer e, desse modo, não quer mais ler e nem voltar à biblioteca novamente. Ter um espaço com muitas obras que não são utilizadas faz com que deixe de ser uma biblioteca para (de fato) ser apenas um local de armazenamento de livros sem finalidade social. A biblioteca deve atuar no sentido de complementar o conhecimento do aluno e não o afastar.

O fato de os alunos não gostarem de ler ou de frequentarem a biblioteca corrobora com outro dado significativo e que não pode ser desconsiderado que é o de levar livros para casa onde poucos alunos do sexto ano responderam que levam superando o número de visitas na biblioteca. Já no sétimo ano houve a manifestação

de apenas 06 alunos. No oitavo ano não foi diferente, pois, somente um aluno disse que levava livro para casa de um universo de 20 alunos.

Trata-se de um dado preocupante, pois se a leitura ficar somente restrita ao espaço escolar não há como o aluno desenvolver-se plenamente, pois o espaço escolar não pode dar conta de toda leitura necessária para a formação do aluno, contudo é na escola que esse hábito precisa ser desenvolvido e praticado em casa com a ajuda dos pais e familiares.

Fala-se muito em formação de leitores. Nosso país realmente vai ser outro quando sua população for formada por leitores, gente que saiba diferenciar uma obra literária de um texto informativo, gente que leia jornais, mas também leia poesia; gente, enfim, que saiba utilizar textos em benefício próprio, seja para receber informações, seja por motivação estética, seja como instrumento para ampliar sua visão de mundo, seja por puro entretenimento.

Considerando nosso desequilíbrio social, formar leitores evidentemente é um imenso desafio. A maioria de nossas crianças é filha de pais analfabetos ou semi-analfabetos, ou seja, voltando para casa elas não têm com quem discutir suas lições. E nem mesmo espaço, uma vez que suas casas, muitas vezes um único cômodo, não costumam possibilitar isolamento mínimo que a leitura requer. (AZEVEDO, 2017)

Quanto ao desenvolvimento do teatro e do reconto, tanto no sexto como no sétimo anos, houve manifestação, mas insuficiente para um dado positivo. Foi zero a manifestação da parte do oitavo ano. Esses dados também requerem uma análise porque refletem alguns questionamentos: fica evidente que os alunos estão desmotivados. Por outro lado, pode ser que não exista espaço no horário, ou que o professor considere o tempo no planejamento e preparação com ensaios e apresentação insuficientes diante de um cronograma de conteúdo a ser ministrado, pois é uma atividade que consome muitas horas-aulas. Mas sejam quais forem os motivos, é necessário que a escola, por exemplo, coloque em seu Projeto Pedagógico a utilização de teatro e reconto, entre outros, que o façam de forma como preconiza os PCNs, uma vez que, dessa forma, estará contemplado no Planejamento anual do docente.

Um dos fatores elencados no texto são as atribuições administrativas dadas aos docentes, já que, apesar de haver espaço para planejamento conforme a Lei Nº 11.738, de 16 de julho de 2008, em seu § 4º na composição da jornada de trabalho, observar-se o limite máximo de 2/3 (dois terços) da carga horária para o desempenho

das atividades de interação com os educandos. Mesmo contendo essa possibilidade em muitos casos, não é o suficiente para atender a demanda de estudos e planejamento. Qualquer atividade que extrapole o tempo do docente o deixará sobrecarregado, fazendo com que se desestime em muitos casos de fazer qualquer atividade que demande muito tempo em uma só atividade e por falta de recursos didáticos.

Pergunta 03 - Gráfico 03



Fonte: elaboração do autor a partir das informações obtidas através do questionário.

Quanto à pergunta (03), tanto o sexto, sétimo e oitavo anos consideram importante a contribuição de obras literárias para a formação do indivíduo. Com essas informações, é possível fazer alguns levantamentos: é evidente que esses alunos que estão em processo de letramento compreendem a importância da leitura por mais que não gostem de ler na biblioteca e em casa. Sabem e possuem a consciência de que vivemos em uma sociedade em que a escrita é essencial para a nossa comunicação, pois é por meio da escrita que boa parte de nossa cultura é transmitida. Além da escrita, hoje há transmissão por rádio, televisão e informática. Esses alunos podem não saber expressar a importância da literatura, porém sabem que é por meio dela que aprimoram suas habilidades; que passam a conhecer diferentes pontos de vista a partir de novas histórias, pois é por meio da leitura de livros que irão adquirir novos conhecimentos. Entendendo a importância da literatura, sabem que por meio da leitura que adquirirão novas habilidades.

Ler sempre representou uma das ligações mais significativas do ser humano com o mundo. Lendo reflete-se e presentifica-se na história. O homem, permanentemente, realizou uma leitura do mundo. Em paredes de cavernas ou reconhecendo-se capaz de representação. Certamente, ler é engajamento existencial. (MORAIS,1991, p. 98)

A literatura na escola deve ser trabalhada por professores que conheçam seus instrumentos e geralmente o profissional responsável por esta tarefa é o professor de português. Contudo, nos anos iniciais, essa tarefa fica a cargo dos professores formados em pedagogia. A abordagem que o pedagogo vê em seu currículo é insuficiente para que o mesmo consiga trabalhar as habilidades que a mesma requer em sala de aula, pois geralmente a disciplina recorrente nos cursos de Pedagogia é a Literatura infantojuvenil.

Observa-se que esses alunos entendem a importância de ler obras literárias, mas é preciso uma reflexão: como foi mostrado na primeira pergunta, não há uma padronização para que esses alunos leiam todos os tipos de literatura porque prevaleceram a leitura de literatura de massa e os *best-sellers*, deixando de fora grandes obras nacionais, mas isso pode ser revisto com um planejamento escola e do professor.

[....] Ler é descobrir, é compreender o tanto que for necessário para não perder o fio, não é memorizar cada coisa. Um romance é eficaz para fixar na memória saberes já adquiridos em outras situações, e permite também que se tome consciência de uma nova questão, de um problema, mas não dominá-los (CHARTIER,1999, p.63).

A literatura contribui para o despertar de novos questionamentos, de novos horizontes, de novas possibilidades. Proporciona ao aluno sentimentos e emoções sobre cada texto lido de modo que cada um trará uma reflexão que servirá para tomar decisões no dia a dia. Não por acaso, sabemos que “ler é uma ação intelectual da qual os sujeitos, em função de sua experiência, conhecimentos e valores prévios, processam informação codificada em textos escritos” (BRITTO, 1999, p.77)

É importante para o professor conhecer as preferências de cada aluno, pois assim poderá desenvolver recursos didáticos específicos com esse aluno de modo que, ao ler, ele compreenderá o que será lhe pedido durante a leitura.

A escolha dos anos finais do ensino fundamental não foi ao acaso: é porque é nesse período que o professor começa a ensinar os recursos linguísticos próprios da análise textual e suas distinções. Nesses anos, o aluno verá com maior clareza os

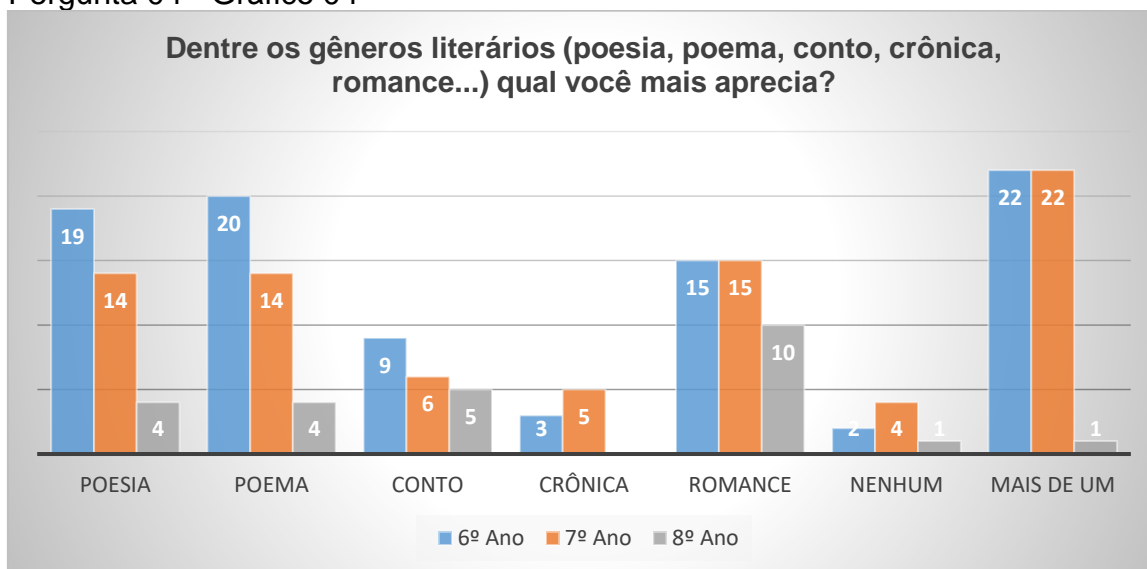
detalhes das histórias e compreenderá que cada texto não é igual ao outro em suas funções literárias. Ao fazer isso, o aluno não está simplesmente lendo por ler sem uma finalidade, pois sua leitura possui um direcionamento.

O Brasil enfrenta grandes dificuldades na formação educacional dos jovens, a grande maioria dos jovens não sai da educação básica dominando o necessário para sua formação social, pois possuem déficit de aprendizagem. Neste sentido, é importante que a escola sabendo das dificuldades e do que os alunos gostam de ler, possa desenvolver estratégias que os ajudem a suprir a deficiência principalmente na leitura e os PCN'S (1997) corroboram com isso.

A atividade mais importante, pois, é a de criar situações em que os alunos possam operar sobre a própria linguagem, construindo pouco a pouco, no curso dos vários anos de escolaridade, paradigmas próprios da fala de sua comunidade, colocando atenção sobre similaridades, regularidades e diferenças de formas e de usos linguísticos, levantando hipóteses sobre as condições contextuais e estruturais em que se dão. É a partir do que os alunos conseguem intuir nesse trabalho epilinguístico, tanto sobre os textos que produzem como sobre os textos que escutam ou leem, que poderão falar e discutir sobre a linguagem, registrando e organizando essas intuições: uma atividade metalinguística, que envolve a descrição dos aspectos observados por meio da categorização e tratamento sistemático dos diferentes conhecimentos construídos (BRASIL. MEC, 1997a, p.27).

Esses jovens entendem a necessidade de ler, agora cabe a escola por meio do corpo docente e pedagógico dar a eles oportunidades por meio de estratégias, então sabendo disso, a escola pode orientá-los a lerem obras de autores brasileiros, pois assim estaria suprimindo a ausência de leitura de literatura brasileira. A melhor forma de se fazer isso é elaborar um cronograma das leituras feitas por esses alunos e que tipo de obras estão lendo. Isso deve ser feito de modo que esses alunos não se sintam forçados a mudarem seus hábitos, pelo contrário: que percebam que quanto mais leitura diversificada, maior será sua compreensão linguística.

Pergunta 04 - Gráfico 04



Fonte: elaboração do autor a partir das informações obtidas através do questionário.

Às respostas dadas na pergunta (04), podemos observar que houve uma variação. Todos os gêneros, sejam eles literários ou textuais, são muito importantes para serem trabalhados a partir do 5º ano, porque, neste período, o aluno já não está mais em alfabetização, mas em contínuo processo de letramento. A leitura precisa produzir sentido e o resultado será o letramento. O aluno além, de leitor, também deve e precisa ser produtor de textos;

Pelo resultado dos dados, podemos observar no gráfico 04 que o sexto ano e o sétimo tiveram o mesmo quantitativo no que tange à afirmação de apreciarem mais de uma opção. Essa afirmação é fascinante porque esse tipo de leitura é muito comum nas escolas, sendo leituras rápidas e curtas e de interesse do aluno. Mesmo tendo indicado a preferência por mais de um gênero, os dados incidem sobre dois tipos de leitura: poesia e poema. É muito provável que os alunos que responderam que gostam mais de um, leem os dois gêneros, porque são muito difundidos na sociedade possuindo caráter romântico para atrair o público jovem.

É muito comum nessa fase, do sexto ano em diante, notar que tanto meninas quanto meninos escreverem poesias e poemas expressando emoções de todas formas possíveis. Escrevem e leem sobre família, natureza, religião, sentimentos, amizade e é muito comum também possuírem cadernos com esses escritos e compartilham entre os amigos.

Mas então de que maneira a escola e os professores devem lidar com isso? De acordo com os PCN's:

A questão não é falar certo ou errado, mas saber qual forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro às diferentes situações comunicativas. É saber coordenar satisfatoriamente o que falar e como fazê-lo, considerando a quem e por que se diz determinada coisa. É saber, portanto, quais variedades e registros da língua oral são pertinentes em função da intenção comunicativa, do contexto e dos interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é de correção da forma, mas de sua adequação às circunstâncias de uso, ou seja, de utilização eficaz da linguagem: falar bem é falar adequadamente, é produzir o efeito pretendido (BRASIL. MEC, 1997b, p.26).

O conto também foi citado pelos alunos do sexto, sétimo e oitavo ano e ele também pode ser a preferência dos que optaram por mais de um gênero. Mas o que leva esses alunos a escolherem o conto como gênero de leitura? Para responder a essa pergunta, primeiro vamos delinear sobre o que é um conto e o que representa na sociedade. É um gênero que desperta o imaginário, mexe com as emoções, algo mágico, e o que mais atrai as crianças são contos de fadas, de heróis e sobrenatural, retratam situações muito comuns em nosso dia-a-dia, tais como, pobreza, mães viúvas, o sonho do casamento perfeito no caso para as mocinhas principalmente com alguém da realeza, e para os meninos as aventuras, mostravam sofrimento, inveja, perseguição, o que de certa forma apontava por padrões sociais da época, o luxo dos castelos, etc., despertando o imaginário delas, porque até mesmo para os adultos, porque são considerados clássicos da literatura.

Esse tipo de gênero está inteiramente associado à literatura infantil. O conto é muito interessante de se ler, mas é ainda mais agradável de se ouvir, porque enquanto o ouvimos, nos permite entrar na história, ser a personagem, experimentar todas as situações vividas, enfim, à medida que ouvimos, podemos transportar a personagem para nossa realidade, nos transportarmos para seu mundo porque encantam, comovem. Outro fator que contribui muito para que esses jovens tenham manifestado interesse é a adaptação moderna dos clássicos para o cinema.

Atualmente, é possível encontrar várias versões cinematográficas de uma mesma obra, sendo abordada sob um novo olhar, pois seguem a modernização da sociedade e nesses contos cinematográficos o uso da tecnologia está incorporado ao dia-a-dia da personagem e isso atrai e conquista o público infantojuvenil e a adultos. O romance não deixou de ser citado, contudo sabemos que esse tipo de leitura atende mais ao público feminino. Atualmente, é um mercado em plena expansão global tendo

autores de diversos países, sendo que algumas obras, além de serem clássicas, há também os *best-sellers*, que em sua maioria acaba virando filmes, o que aumenta ainda mais sua propagação. É importante dizer que o gênero romance possui diversas variações, entre elas estão: romances políticos, policiais, de terror, históricos, gótico, de aventuras, indianista, regionalista, etc. O romance pode ser encontrado numa poesia, poema, num conto, etc.

Literatura de cordel, melodrama e romance popular ocupam, ainda na atualidade, espaços significativos no contexto cultural, conjuntamente a outras formas mais contemporâneas como romance policial, ficção científica, quadrinhos, fotonovelas, radionovelas e telenovelas. Consolidar outras histórias literárias pressupõe confirmar a articulação entre matrizes populares, manifestações da cultura de massa e elementos da cultura erudita (BORELLI, 1996, p.45).

É um tipo de leitura que atrai os jovens em busca de uma aventura, de novas descobertas, de novas visões, de ver um amor incompreendido, que supera as dificuldades. Essas obras dão aos jovens a oportunidade de conhecerem os problemas, de entender como era a sociedade em determinada época. De refletir sobre a função do homem e a posição da mulher em certas sociedades, pois os romances não estão presos em barreiras geográficas, pois, quando possuem aceitação, são traduzidos para outros idiomas e, dessa forma, possibilitam que esses jovens conheçam os costumes as vestimentas, crenças do país de origem do autor e das personagens.

Por mais que tenhamos avançado socialmente, não se pode deixar de dizer que esse tipo de leitura é mais lido por meninas, porque em nossa sociedade ainda impera o preconceito, de que esse tipo de leitura é coisa de menina, porém há discordância. É um livro como qualquer outro, retrata as relações entre homens e mulheres e suas lidas diárias com a vida. As estratégias que os professores e a escola devem utilizar para que esses alunos possam ler com mais frequência essas obras depende de vários fatores: uma biblioteca aconchegante, livros dispostos e catalogados de maneira que facilite a busca do aluno. Quanto ao uso linguístico desse gênero, dependerá das estratégias pedagógicas que o professor fará, porque as possibilidades são muitas e os dados mostram preferência pela leitura em sala de aula. Trata-se de uma oportunidade ímpar na qual o professor deve aproveitar e utilizar esse espaço ao máximo para oferecer diversas leituras de diferentes situações

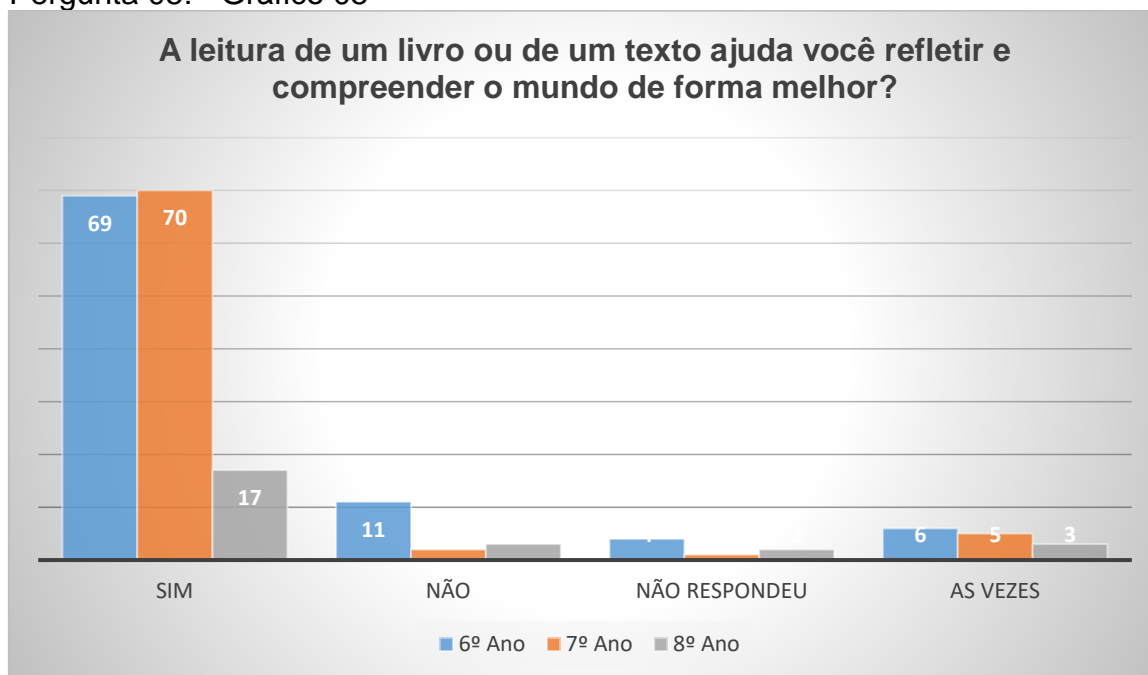
e contextos. Na sala de aula, deve-se criar regras claras com os alunos para que a leitura flua e não haja interferência, do contrário, não surtirá efeito.

Nesse sentido, faz-se necessário que a escola reveja as questões postuladas anteriormente e que trabalhe para reverter esse quadro e fazer com que esses jovens despertem o interesse em ler na biblioteca e ler em casa nas horas de lazer. A leitura na sala não dá conta de desenvolver o hábito e o gosto em torno dela; ela deve ser praticada, contudo não pode ser o único local de leitura. É uma questão de mudar hábitos, porque, em casa, esses jovens passam muito tempo assistindo televisão, ouvindo músicas, navegando nas redes sociais e, na sala de aula, a maior parte do tempo é consumida pelo conteúdo do livro didático.

É preciso despertar o prazer de ler e mostrar que a leitura que estão fazendo não está vinculada à rotina de estudos semanais, mais sim pelo prazer da descoberta de novos mundos, de novos horizontes, pelo lúdico, pelo aperfeiçoamento linguístico. Outro ponto a ser revisto na escola é o fato de os alunos só terem mencionado uma obra brasileira, e isso é um dado preocupante. Temos clássicos da literatura brasileira que se enquadram no gênero romance e essa é uma excelente oportunidade para o professor introduzir essas obras na leitura desses alunos, mesmo porque a televisão brasileira está repleta de adaptações de obras brasileiras e essa seria uma ótima oportunidade para os alunos perceberem as diferenças entre o original e adaptado de forma que percebam os aspectos linguísticos aplicados.

Os demais gêneros tiveram pouca relevância na pesquisa, porém se o professor e a escola investirem nas preferências dos alunos, os outros gêneros também poderão ser trabalhados e com o tempo, os alunos diversificarão o gosto e ampliarão a compreensão e a importância de cada um no processo linguístico e na sua formação social.

Pergunta 05: - Gráfico 05



Fonte: elaboração do autor a partir das informações obtidas através do questionário.

As respostas dadas na pergunta (05) evidenciam que os alunos entendem a importância de ler e praticar a leitura. Aqui, vê-se que o aluno reconhece a importância da leitura, contudo, conforme está evidenciado, não possui esse hábito. Então, o que fazer para que esses alunos adquiram o gosto pela leitura? A leitura é de fundamental importância para o desenvolvimento das pessoas, na formação social, no letramento, nos mais variados aspectos do conhecimento indo desde a linguagem, pela emoção e aprimorando o senso crítico, contribuindo para o exercício da cidadania.

É por meio da leitura que temos a oportunidade de nos apropriarmos da cultura de outros países, de conhecer diferentes concepções sobre um mesmo assunto. É através da leitura que podemos conhecer o mundo sem sair de casa e com a utilização da informática tendo a internet como ferramenta ficou ainda mais fácil. Contudo, o uso da informática requer constante observação, pois é um instrumento que oferece de tudo, inclusive conteúdo impróprio. Seu uso requer acompanhamento na escola por parte do professor e em casa por parte dos pais, diferentemente do livro impresso, que não tem outras fontes de distração. O que esses jovens estão lendo parece não ser o suficiente, pois ter como preferência a leitura dentro da sala, apesar de ser uma opção, não é o suficiente para aprimorar hábitos e desenvolver novas habilidades comunicativas, linguísticas, sociais e novas perspectivas, expandir horizonte, ver o mundo sobre diferentes pontos de vista: o do escritor, o seu e o do outro e,

principalmente, o de colocar-se no lugar do próximo, possibilitando, assim, diferentes interpretações para que aja estreitamento entre a literatura e a escola.

Sempre que se busca estabelecer relação entre leitura e escola, e considerando a escola como espaço de mediações possíveis, surge conseqüentemente, a questão que move a prática pedagógica: é possível a escola ensinar a ler? É possível, mais recortadamente se indagando, ensinar a ler literatura? (LEAL, 1999, p.263)

Outro problema muito comum nas escolas é que o uso da literatura resiste às mudanças sociais e tecnológicas, ficando como coadjuvante na formação dos alunos, sendo que a mesma deveria estar no mesmo pedestal das demais disciplinas. Podemos dizer que, nas últimas décadas, a literatura foi negligenciada nas escolas por vários fatores: primeiro pela estruturação curricular em que houve a ênfase de conteúdos que atendessem aos interesses do governo em preparar esses jovens para o mercado de trabalho.

Quadro 1. Pergunta 06

6º ano	
Em sua opinião, o que significa uma pessoa letrada?	
Não soube responder	12
Respostas	
Uma pessoa que tem leitura, curso, etc.	
Uma pessoa que procura ler, se dedica, educada.	
Uma pessoa inteligente que estuda.	
Uma pessoa que gosta de ler e é formada em letras	
Uma pessoa inteligente que não escreve errado, obedecendo vírgulas e pontuações	
Uma pessoa formada em letras para dar aula de língua portuguesa	
Uma pessoa que lê e escreve bem	

Fonte: elaboração do autor a partir das informações obtidas através do questionário.

Quadro 5 - Pergunta 06

7º ano	
Em sua opinião, o que significa uma pessoa letrada?	
Não soube responder	14
Respostas	
Continua	
Uma pessoa formada, que interpreta as coisas corretamente e passa essas informações (ensinamentos) para outras pessoas aprenderem.	
Aquele pessoa que compreende o que está escrito e aquela que tem conhecimento do mundo sem saber ler	
É a pessoa que gosta muito de ler e sente prazer ao fazer isso	
É uma pessoa que pega um livro e reflete sobre o que leu	
É uma pessoa que sabe dialogar bem	
É uma pessoa que sabe ler e escrever, entende tudo bem, consegue interpretar uma leitura de forma simples	

7º ano	
Em sua opinião, o que significa uma pessoa letrada?	
Não soube responder	14
Respostas	
Conclusão	
É aquele que compreende a mensagem que a leitura traz	
É a pessoa que lê muito	
Aquele que lê todas as palavras corretamente	
É a pessoa que aprecia a leitura	
É uma pessoa alfabetizada	
É uma pessoa que não possui dificuldades em ler e escrever	

Fonte: elaboração do autor a partir das informações obtidas através do questionário.

Quadro 6 - Pergunta 06

Pergunta 06	
8º ano	
Em sua opinião, o que significa uma pessoa letrada?	
Não soube responder	04
Respostas	
Uma pessoa estudiosa, que corre atrás de seus sonhos.	
Uma pessoa que gosta de questionar as coisas, uma pessoa que lê e escreve.	
Uma pessoa sábia	
Uma pessoa formada em letras	
Uma pessoa inteligente que gosta de ler livros, compreende um pouco do mundo e da vida	
Uma pessoa estudiosa	
Uma pessoa que gosta de ler, que sabe ler e escrever	
Uma pessoa que pode ter um futuro melhor através dos estudos, que sabe ler, compreender o que leu, sabe escrever coisas com conteúdo bom.	
Uma pessoa que é boa na matéria de português	

Fonte: elaboração do autor a partir das informações obtidas através do questionário.

Quanto à pergunta (06), aos resultados, foram pertinentes. A maioria dos alunos sabem da importância de estudar e ter domínio sobre a leitura e a escrita, pois as respostas que deram dizem muito sobre a perspectiva que possuem sobre o que é ser uma pessoa letrada. As elucidações foram as mais diversas possíveis, contudo, podemos ver que as explicações dizem o que é ser uma pessoa letrada. Para uma pessoa ser considerada letrada, ela precisa ter passado pelo processo de alfabetização e para corroborar com esse entendimento, podemos dizer que letramento é “o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais” (SOARES, 2004, p.39).

O letramento está intimamente ligado à aprendizagem e ao domínio da leitura e da escrita, dando ao aluno a oportunidade de estar inserido no contexto social e cultural da qual faz parte. É um processo que prepara o indivíduo para as mais

diversas situações do cotidiano, sua função é preparar o aluno para o convívio social em um mundo onde a escrita é fundamental para o atual modelo de sociedade em que vivemos, sendo que para ser considerada uma pessoa letrada, antes é preciso ser alfabetizado.

Precisaríamos de um verbo "letrar" para nomear a ação de levar os indivíduos ao letramento ... Assim, teríamos *alfabetizar* e *letrar* como duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria *alfabetizar letrando*, ou seja: ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, *alfabetizado* e *letrado*. (SOARES,2004, p.49)

É importante salientar que no Brasil ainda é possível encontramos pessoas analfabetas, e isso não quer dizer que essas pessoas não consigam interagir com o mundo letrado, pelo contrário, interagem, mas com restrições, porque lhes faltam o domínio da leitura e da escrita. Há pessoas que são analfabetas em saber ler e escrever, mas são alfabetizadas no conhecimento de mundo, portanto quando me refiro ao letramento, estou mensurando sobre domínio de ler e escrever, porque mesmo as pessoas que não tiveram a oportunidade de serem alfabetizadas por várias circunstâncias da vida, não podem ser excluídas desse processo de interação, porque elas interagem com o mundo letrado e esse mundo também interage com elas.

Quadro - Pergunta 07

No seu entendimento o que é um bom livro?
6º ano
Respostas
Continua
Aquele que gostamos de ler
Aquele que fale sobre coisas interessantes
Aquele que lemos e entendemos
Aquele que possui uma leitura adequada
Um livro de ação e aventura
Aquele que nos ensina
Um livro com boas histórias e bons significados
Um bom livro é aquele tem romance e comédia, ação e ficção
Aquele que ensina coisas novas
Um livro com histórias de aventuras e mistérios em cada capítulo
Um livro bem explicado, bem contado, compreendido.
Um livro que ensine a ler melhor, aprender o português.
Um livro educativo, que desperte o interesse.
Um livro que distraia a mente e algo que possa ajudar com a vida.
Aqueles que são grandes e legais, que tenha uma boa história.
Aquele que tenha sentido e significado.

No seu entendimento o que é um bom livro?
6º ano
Respostas
Conclusão
Aquele que você entende, que é legal e divertido
Aquele que nos leva para outro mundo
Um livro que traz aprendizado
Aquele que nos ensina a viver, compreender, nossos problemas pessoais, que nos faz sentir melhores e feliz e com muita alegria.

Fonte: elaboração do autor a partir das informações obtidas através do questionário.

Quadro 2 - Pergunta 07

No seu entendimento o que é um bom livro?
7º ano
Respostas
Aquele que tem bastante conhecimento
Aquele que tem uma boa história, que o leitor se identifica com as personagens e que deixa a pessoa com vontade de ler mais
Aquele que traz alguma reflexão, que emocione
Aquele que traz emoção ao ser lido
Aquele que traz algum ensinamento
Aquele que traz a realidade do mundo ao invés de iludir as pessoas
Aquele que chame a atenção do leitor
Aquele que nos faz pensar antes de fazer algo
Aquele baseado em fatos reais
Aquele que pessoa lê sem precisar dormir
Um bom livro é aquele que você aprecia
É um livro que a gente gosta e que agrada e que realmente de vontade de ler
É um livro que tenha suspense
É um livro que você não para de ler
É aquele que você consegue ler e compreender
É aquele que fale sobre o mundo
É aquele que traz lição de vida e possa ajudar no futuro

Fonte: elaboração do autor a partir das informações obtidas através do questionário.

Quadro 9 - Pergunta 07

No seu entendimento o que é um bom livro?
8º ano
Respostas
Um livro extenso, que mostre detalhes e seja explicativo
Aquele que motiva a aprender mais e ser alguém melhor
Aquele que te informa
Aquele que te inspira
Aquele que te atrai
Aquele com um bom conteúdo
Que faça a gente se imaginar na história, como se a gente estivesse vivendo na própria história

Fonte: elaboração do autor a partir das informações obtidas através do questionário.

As respostas obtidas na pergunta (07), sobre o que consideram ser um bom livro foram as mais variadas possíveis, mas todas remetem ao que os críticos

atualmente defendem, que a leitura de obras literárias devem estar em consonância com os gostos dos leitores e, à medida que forem adquirindo a prática da leitura, o professor pode sugerir novas leituras para que diversifiquem seu conhecimento linguístico, social, visto que somente por meio da leitura é possível ampliar o vocabulário, porque quando estamos em uma comunidade, costumamos interagir somente com os membros e a comunicação não é variável, pelo contrário, costuma ser simplificada. As leituras precisam ser cativantes, de fácil compreensão para despertar o interesse pela leitura. Neste aspecto, é possível observar que esses alunos já demonstraram suas preferências de leitura, agora cabe ao professor e à escola analisar essas preferências e direcioná-las aos objetivos propostos contidos dentro do plano de ação escolar.

A literatura de massa é produzida em grande escala, cujo foco principal é o consumo e, por isso, tem que agradar ao público e observa-se claramente que esses jovens estão consumindo este tipo de literatura e que o sistema educacional brasileiro já oferta essas obras nas escolas.

Quadro 3 - Pergunta 08

Qual o título do livro que você mais gostou de ler?	
6º ano	
Respostas	
Três Porquinhos	Uma Longa Jornada
Diário de um Banana	Lendas Urbanas
A Culpa é das Estrelas	Percy Jackson
Turma da Mônica	A pequena Sereia
O Cisne	Você é do Tamanho dos Seus Sonhos
Branca de Neve	Harry Potter
Aritmética da Emília de Monteiro Lobato	Pinóquio
Cinderela	Querido Jhon
Bíblia	Interpretação de Sonhos
A Cabana	Como Eu Era Antes de Você
A Menina que Roubava Livros	O Ladrão de Raios
Pequeno Príncipe	Eu Robô
Os Colegas	Segredos da Vida
O Menino e Seus Problemas	Confidencias, Confusões e Garotas
A princesa e o Sapo	Nas Ruas do Braz
Peter Pan	O Rato e o Leão
Como Seria um Mundo na Lua	Marley e Eu
A Morte do Demônio	

Fonte: elaboração do autor a partir das informações obtidas através do questionário.

Quadro 11 - Pergunta 08

Qual o título do livro que você mais gostou de ler?	
7º ano	
Respostas	
23 Minutos no Inferno	A Culpa é das Estrelas
Diário de um Banana	Bíblia
Montanha Russa	Hobin Hood
Tudo Tem Uma Primeira Vez	Como Eu Era Antes de Você
Percy Jackson	A Arte da Guerra
A Formula Mágica	As Aventuras de Thomas
A Casa do Medo	O Interrogatório
Diário Absolutamente Verdadeiro de um Índio de Meio Expediente	Dezesseis Luas
Azul é a Cor Mais Quente	O Chamado
O menino do Mercado Central	O Curioso Caso de Benjamin Button
O Homem e a Formiga	Os Três Patetas
As Crônicas de Nárnia	Tá Falando Grego
Vinte Mil Léguas Submarinas	Maré de Azar
Estrelas Tortas	Como Ser Líder de Si Mesmo
O Dono do Sol	A Cabana
O homem que queria alcançar a lua	Não Se Iluda Não
Não Se Apega Não	O Pequeno Príncipe

Fonte: elaboração do autor a partir das informações obtidas através do questionário.

Quadro 12 - Pergunta 08

Qual o título do livro que você mais gostou de ler?	
8º ano	
Respostas	
Cidades de Papel	Morri Para Viver
A Cabana	A Magia
Os Instrumentos Mortais: Cidades Dos Ossos	Diário de Um Banana
A Culpa é das Estrelas	Nada a Perder
O Pequeno Príncipe	Coração de Tinta
A Menina que Roubava Livros	Hitler, a Biografia
Jogando Xadrez Com Os Anjos	Vivendo com os Bangtan Boys 2
Percy Jackson	O Longe Adeus
A Vida e a Morte de Bobby Z	Como Eu Era Antes de Você
Menino Maluquinho	

Fonte: elaboração do autor a partir das informações obtidas através do questionário.

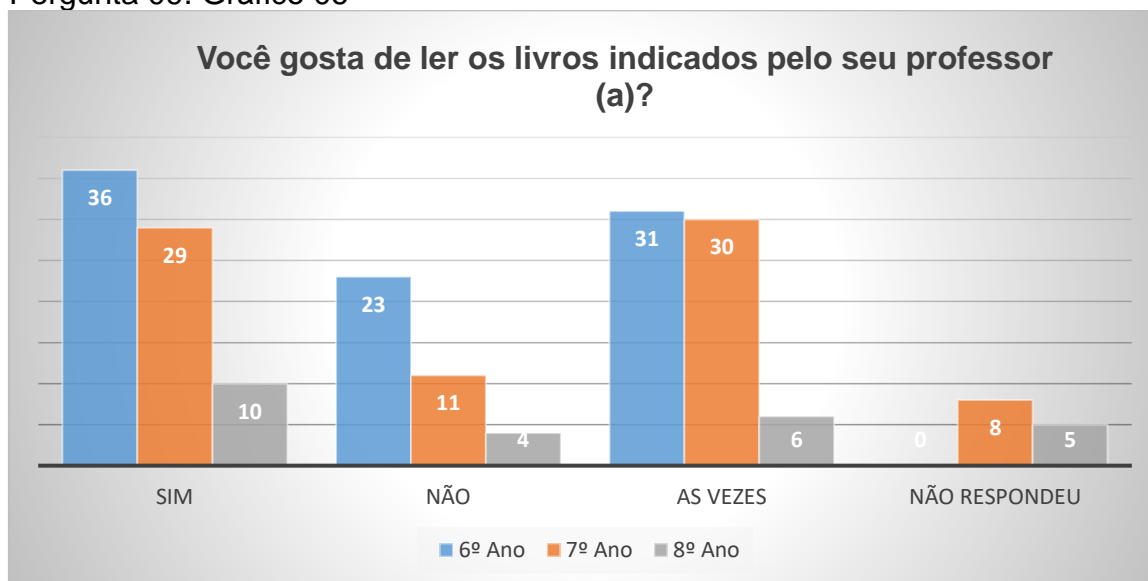
No quadro (08), quando perguntado sobre qual tipo de livro gostam de ler, é possível identificar a predominância por obras que estão em evidência no gosto popular. Essas obras alcançaram o sucesso de público porque vieram para entreter essa nova classe social, a classe trabalhadora e nesse contexto também entram os textos mais vendidos, que além de atenderem essa nova classe, alimentam a nova juventude.

Se o best seller é resultado do processo de industrialização e efeito da ação capitalista sobre a cultura, é preciso levar em conta também que esse tipo de narrativa tende a constituir-se em “campeão de vendas” porque se configura uma poderosa estimuladora de leitura, isto é, tem o poder de mobilizar o olhar e estimular a imaginação do leitor consumidor. O fascínio duradouro desta literatura indica que não se pode analisá-la com uma visão simplista e redutora, limitando-a ao campo de efeito de estratégias mercadológicas ou como subproduto da literatura culta. (PAZ, 2004, p. 2)

Essa nova literatura atinge o mesmo objetivo da literatura clássica no que tange ao incentivar o gosto pela leitura e vai mais além porque é uma literatura que foi escrita e pensada nesse novo leitor que nasceu da demanda do capitalismo e que não pode ficar sem acesso à cultura letrada.

A pergunta (08) revela que os alunos leem, contudo, questiona-se quando é que leram, tendo em vista que não gostam de ir à biblioteca e de levar livros para casa. O mais provável é que além de lerem na sala como manifestaram, devem ter lido obras em anos anteriores.

Pergunta 09. Gráfico 06



Fonte: elaboração do autor a partir das informações obtidas através do questionário.

Outro dado que desperta atenção é relativo ao gráfico 06, já que nele é possível identificar que, no sexto ano, as respostas quase equivaleram-se sobre gostarem de lerem livros indicados pelo professor. A resposta diz muito, porque a soma dos que não gostam com os que afirmaram gostar ultrapassa os 50% em relação aos que leem as indicações do professor. Com posse nessas informações, a escola e professores devem primeiro observar quais as preferências desses alunos. Essas preferências estão elencadas ao longo da pesquisa e estão voltadas para a literatura de massa.

Esse seria o primeiro passo para que passem a gostar das sugestões. Fazer com que esses alunos não vejam as indicações como algo obrigatório, como componente de avaliação, porque, se assim o for, o aluno se sentirá forçado e não terá prazer em ler.

Os alunos devem buscar a leitura sequencial de obras ou daquelas que possuem similaridade com as que estão habituado a ler. Fazer uma pesquisa sobre as afinidades de leitura ajuda muito, porque o docente saberá exatamente qual o interesse do aluno e com isso pode direcioná-lo sem forçá-lo. Acima de tudo, em se tratando de desenvolver o hábito pela leitura literária, a liberdade de escolha é muito importante. O interessante é que o professor leve os alunos para uma visita na biblioteca e incentive-os a levarem livros para casa. Debater as leituras em sala ajuda muito porque o aluno perceberá que o professor está interessado em saber o que ele está lendo, ao mesmo tempo em que desenvolve nos alunos a habilidade de comunicação oral. Neste sentido, como estamos vivendo em plena expansão tecnológica, não se pode dispensar o uso da informática, dos smartphones, que como são ferramentas conectadas e repletas de aplicativos, o professor pode usar isso a seu favor incentivando a troca de opiniões nas redes sociais.

Quadro 13- Pergunta 10

O que você entende por ser um bom leitor? Por que?	
6º ano	
Respostas	
Respondeu	70
Não soube responder	20
É uma pessoa que lê com atenção e que não julga livro pela capa	
Aquele que presta atenção e fala sobre o que entendeu	
Aquele que escreve bem	
Que a leitura ajuda a pessoa a ler melhor	
Aquele que lê bem e pratica a leitura	
Aquele que consegue interpretar o texto que está lendo	
Quem lê e entende	

Fonte: elaboração do autor a partir das informações obtidas através do questionário.

Quadro 14- Pergunta 10

O que você entende por ser um bom leitor? Por que?	
7º ano	
Respostas	
Respondeu	73
Não soube responder	07
Continua	
Não se trata de ler vários livros, mas entender o que ele diz, interpretar, viver como se estivesse dentro do livro.	
É uma pessoa que lê com atenção e que não julga livro pela capa	
Sabe explicar bem	

O que você entende por ser um bom leitor? Por que?	
7º ano	
Respostas	
Respondeu	73
Não soube responder	07
Conclusão	
Uma pessoa que saiba ler bem	
Que goste de ler	
A sabedoria e a emoção	
Um bom leitor é saber refletir e entender o que se está lendo e gostar de ler	
Um bom leitor é aquele que lê sem dificuldades	
Um bom leitor é ler constantemente	
Um bom leitor é aquele que sabe o que está escrevendo, porque para nós no Brasil, a gente consegue as vezes ler um pouco.	
Um bom leitor é uma pessoa que não tem dificuldades para ler, porque pessoas que tem dificuldades, não são chamadas de BOM LEITOR.	
Uma pessoa que consegue refletir	
Um bom leitor é aquele que muitos livros e por isso é chamado de bom leitor, porque ele já lê bem e não tem mais dificuldades de escrever	
Ler bastante e praticar essa leitura	
Saber conhecer a leitura e compreender tudo que está nela.	

Fonte: elaboração do autor a partir das informações obtidas através do questionário.

Quadro 15- Pergunta 10

O que você entende por ser um bom leitor? Por que?	
8º ano	
Respostas	
Aquele que se interessa a aprender através dos livros	
Que a leitura muda as pessoas e suas opiniões	
Aquele que gosta de ler e aprende mais	
Bom leitor é aquele que sabe interpretar textos	
Uma pessoa que gosta de ler qualquer livro	
É aquele que consegue compreender o que o autor quis passar através do que ele escreveu	
Saber respeitar as pontuações	
Aquele que lê bastante livros e ir atrás de entender mais sobre o conteúdo dos livros	
Um bom leitor é aquele que gosta de ler e termina de ler os livros que começou e não para no meio porque achou chato e mais importante é aquele que entende o livro que leu	

Fonte: elaboração do autor a partir das informações obtidas através do questionário.

A resposta dada pelos alunos referente à pergunta (10) é muito semelhante à (06), em que alguns afirmam que para ser um bom leitor é necessário saber ler e interpretar o que se lê, não julgar o livro pela capa entre outras pois, o livro continuará a ser uma das principais ferramentas de acessibilidade ao mundo letrado e em muitos casos a única opção.

Abolir o texto escrito como meio de avaliação porque a maioria de alunos e de professores não vive a cultura do texto escrito? Não pelo contrário. Se o domínio do texto escrito é instrumento de poder em nossa sociedade todos têm que ter o direito de ter contato com ele, de ter oportunidades iguais de conhecê-lo, assim, se apropriarem dessa cultura que, como privilégio da minoria, subjuga a maioria. Questioná-la e pensar alternativas a ela é tarefa que só acontecerá se tornando íntimo da sua variedade. A palavra para ser libertadora e transformadora da sociedade deve ser de todos como é de poucos. É pelo seu valor subversivo e revolucionário, portador da liberdade, que ela está aprisionada e reservada. Nosso trabalho é libertá-la para a maioria. É esta a tarefa do professor leitor. (SERRA,1998, p.96).

Quadro 16- Pergunta 11

Pergunta 11	
Você poderia citar algum livro existente na biblioteca da sua escola?	
6º ano	
Respostas	
Nunca fui à biblioteca	15
Não sei	20
O Bom Gigante Amigo	O Pequeno Nicolau
A Festa no Céu	Avida Sobre Rodas
Percy Jackson	O Vampiro que Descobriu o Brasil
Sítio do Pica-Pau Amarelo	Esquerda Direita
O Dono do Sol	Chapeuzinho Vermelho
O Diário de um Banana	Branca de Neve
Madalena	Viajante do Futuro
O Gato na Chuva	A Cigarra e a Formiga
Cobras em Compota	Os Três Porquinhos
O Leão e o Rato	Festa no Céu

Fonte: elaboração do autor a partir das informações obtidas através do questionário.

Quadro 17- Pergunta 11

Você poderia citar algum livro existente na biblioteca da sua escola?	
7º ano	
Respostas	
Nunca fui à biblioteca	05
Não sei	34
Continua	
O Sapo que virou Príncipe	
Como Eu Era Antes de Você	O Patinho Feio
O Diário de um Banana	Harry Potter
Cinderela	Percy Jackson
O Gato Na Chuva	A Cigarra e a Formiga
Cobras Em Compota	O Pequeno Príncipe
Romeu E Julieta	20000 Léguas Submarinas
Os Três Porquinhos	Montanha Russa
Uma Noite no Museu	As Crônicas de Nárnia
A Mocinha do Mercado Central	Guerra nas Estrelas
A Bíblia	Os 7 Gatos e 1 Gata

Você poderia citar algum livro existente na biblioteca da sua escola?	
7º ano	
Respostas	
Nunca fui à biblioteca	05
Não sei	34
Conclusão	
Um Amor em Mistério e Outros	João e Maria
Apenas um Show	O Gato e a Moça
A Culpa é das Estrelas	Entre Estrelas

Fonte: elaboração do autor a partir das informações obtidas através do questionário.

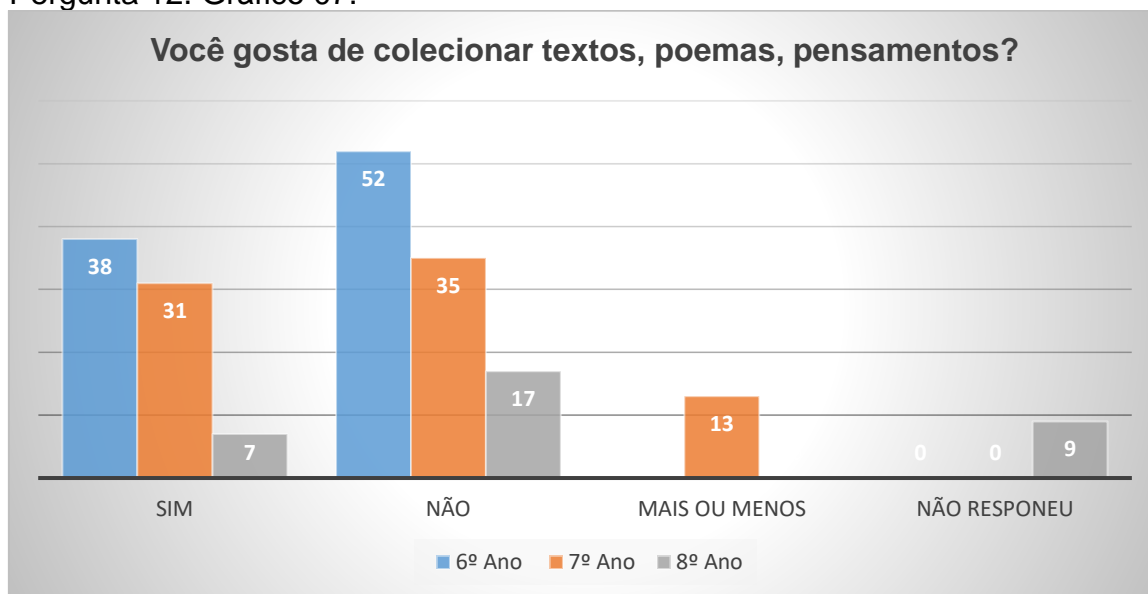
Quadro 4 - Pergunta 11

Você poderia citar algum livro existente na biblioteca da sua escola?	
8º ano	
Respostas	
Nunca fui à biblioteca	04
Não sei	14
Não respondeu	02
Romeu e Julieta	Dias de Ação
Diário de um Banana	Escrava Mãe
Dom Quixote	Carinho de Anjo
Os Patetas	O Menino Maluquinho
Harry Potter	

Fonte: elaboração do autor a partir das informações obtidas através do questionário.

Nesse quadro, podemos perceber que os alunos não se sentem motivados em frequentar a biblioteca da escola, inclusive alguns nunca a visitaram. Para reverter essa situação, são necessários alguns procedimentos a serem adotados pela escola, tais como: orientar e incentivar o uso do acervo transformando a biblioteca em um ambiente atrativo e agradável e não permitir que seja usada como lugar de punição. Enfatizar que todos os livros e locais disponíveis na escola para a leitura são destinados ao aluno, porque, senão fosse por ele, não haveria razão da existência dos mesmos.

Pergunta 12. Gráfico 07.



Fonte elaboração do autor a partir das informações obtidas através do questionário.

3.2 Análise dos dados obtidos com os docentes

A partir deste ponto está a tabulação da pesquisa feita com os professores. Dentre todos os questionários disponibilizados aos docentes que estavam na escola, somente dois manifestaram interesse em responder.

1) Qual a sua visão sobre as funções da literatura na escola?

R1: A literatura é muito importante, uma vez que ajuda na formação do cidadão, é uma fonte riquíssima de conhecimento e às vezes faz até o leitor se transportar para dentro dela.

R 2: É muito importante para a formação do aluno

Ambas as respostas afirmam sobre a importância da literatura na educação

2) Como você entende que se deve trabalhar a literatura em sala de aula?

R1: Com leitura de textos, pequenos contos, romances, etc. Despertar nos alunos o hábito pela leitura e a presença na biblioteca da escola.

R 2: Todos os dias, não somente nas aulas de língua portuguesa. Considero que atualmente os livros didáticos trazem uma grande variedade de literatura.

3) Que recursos você utiliza nas suas aulas de literatura?

R1: Livros e o quadro apenas.

R 2: utilizo música, slide, leitura compartilhada, roda de leitura, depois, são feitas várias maneiras de vivência, a leitura como a utilização do dicionário, dramatização de partes do livro, paródia, etc.

4) Dê o seu ponto de vista sobre a importância da literatura para a formação docente?

R1: Na área de Língua Portuguesa, principalmente a literatura é primordial e necessária para o desenvolvimento do docente.

R 2: Também é de suma importância para a formação desse e principalmente para o aluno, porque se o professor não ler, como irá incentivar seu aluno?

R 2: Comentando – proporcionando a leitura e através de projetos de leitura que temos.

5) Você lê sempre e pede para que seus alunos leiam, sugere livros, faz atividades de leitura na biblioteca, relaciona os livros de acordo com sua classificação literária (cânone e não canônica) e os movimentos literários?

R1: Leio sempre, não indico livros, apenas peço para que eles leem o que eles gostam, não relaciono.

R 2: Sim, trabalhos e projetos de literatura – contos de humor de Aloísio Azevedo.

6) Você já indicou algum livro para os alunos este ano? Qual?

R1: Não

R 2: Sim, 18

7) Você sente dificuldades em trabalhar literatura? Quais?

R1: Sim, pois os alunos não têm o hábito da leitura, possuem dificuldades em adquirirem os livros e a biblioteca não é muito atrativa para eles por falta de pessoas que trabalhem no local.

R 2: Não

8) Com quais perspectivas você ensina a literatura?

R1: Com a perspectiva que gostem de ler e entendam o valor da leitura.

R 2: De formar alunos leitores.

9) Você utiliza metodologia para ensinar da literatura ou a ensina sem metodologia fixa?

R1: Sem metodologia fixa.

R 2: sim, com metodologia de aproximar o texto lido com a realidade do aluno.

10) Você acha que a leitura de obras literárias amplia a sua percepção sobre a vida e o mundo e contribuem para despertar a consciência literária?

R1: Sim, com certeza.

R 2: Sim.

11) Na sala de aula, você gosta de trabalhar com texto literário? Por quê?

R1: Às vezes sim, apesar dos alunos não gostarem muito.

R 2: Não respondeu.

12) Com qual finalidade você trabalha com obras literárias: a leitura, a gramática ou a interpretação?

R1: Leitura e interpretação.

R 2: Pode – se trabalhar os três.

13) Você trabalha com a diversidade literária?

R1: (x) Literatura infantojuvenil () Literatura feminina () Literatura canônica
() Literatura indígena () Literatura pós colonialista ():Literatura marginal

R2: () Literatura infantojuvenil () Literatura feminina (x) Literatura canônica
(x) Literatura indígena () Literatura pós colonialista (x):Literatura marginal.

Aqui se têm visões diferentes de como se deve trabalhar com a literatura na escola. Cada interpretação possui sua importância no ensino e aprendizagem mesmo porque reflete diretamente o entendimento do docente sobre o que é e qual a importância da literatura no sistema educacional para desenvolvimento social do aluno e, nas palavras de Barthes (1979), acima de tudo:

A literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso. Por um lado, ele permite designar saberes possíveis – insuspeitos, irrealizados: a literatura trabalha nos interstícios da ciência: está sempre atrasada ou adiantada com relação a esta (...). A ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distância que a literatura nos importa. Por outro lado, o saber que ela mobiliza nunca é inteiro nem derradeiro; a literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe de alguma coisa; ou melhor: que ela sabe algo das coisas (BARTHES,1979, p. 18-19).

ENFIM, UMA LUZ NO FIM DO TÚNEL...

Existe algo em comum entre o docente e o aluno com relação ao ensino da literatura, a saber: o docente, que outrora foi aluno desse sistema, chegou ao ensino superior e se preparou para voltar à sala de aula na condição de futuro professor e acabou por presenciar um ensino teórico-acadêmico, quase sempre sem direcionamento para o ensino nas escolas. O docente ao se formar viu muita teoria aplicada aos campos da própria teoria e praticamente nada sobre como aplicar a teoria na educação básica. Ao voltar para a sala de aula para trabalhar com os alunos, não possui uma formação necessária para desenvolver todo o potencial da literatura no âmbito escolar, não porque não quer, mas porque o próprio ensino está estruturado dessa forma. O que congrega ambos, docentes e alunos, é o sistema educacional que não foi construído para ensinar literatura e também a escola que reproduz fielmente a estrutura do sistema educacional.

Os críticos e estudiosos da educação como por exemplo, Rildo Cosson, Magda Soares, entre outros, apontam que mudanças são necessárias e estão propondo alterações tanto na forma de formar os futuros docentes e de ensinar os alunos para que de fato o ensino e a aprendizagem estejam de acordo com a realidade nacional e com as classes sociais, principalmente a trabalhadora, mesmo porque não há como restringir a cultura, ela é uma manifestação própria do convívio em sociedade. É neste sentido que a literatura poderá cumprir com um dos seus objetivos: o de dar liberdade ao pensamento, de preparar as pessoas para o pleno exercício da cidadania.

A escola, por meio da literatura, tem a função de formar leitores críticos e autônomos capazes de desenvolver uma leitura crítica do mundo, além de contribuir com o leitor na sua formação diversa.

Os alunos leem, contudo, as leituras são praticadas geralmente dentro da sala de aula. Sabendo disso, a escola e os professores devem incentivar os alunos a lerem, pois praticamente não usam a biblioteca e nem levam livros para casa, e isso é um dado preocupante. Os alunos não estão motivados para leitura, não possuem práticas leitoras, apesar de afirmarem que já leram obras da literatura, mais, especificamente, variados gêneros literários. A leitura dos livros em evidência midiática é a mais lida por eles dentro da escola e foi a mais citada dentre todas as obras. Trata-se de obras que estão próximas da realidade desses alunos porque são obras que foram pensadas para classes menos favorecidas; são leituras com uma linguagem

acessível. Sabe-se que a literatura contempla todo o aspecto cultural, social, científico e histórico da sociedade e até mesmo a ficção.

As escolas brasileiras vivem uma situação dramática sobre o ensino e a aprendizagem, perpassando desde os alunos até a formação dos docentes. As formações dos docentes sofreram muitas transformações nas últimas décadas, reflexo do atual modelo de sociedade, pois as instituições de ensino superior começaram a formar profissionais de acordo com a demanda de trabalho e com a crescente desvalorização desse profissional. Com isso, a busca pelos cursos de licenciatura passou a ser pela classe menos favorecida economicamente, porque veem no ensino superior uma oportunidade de melhorar sua renda familiar. Esses profissionais entram no curso de licenciatura porque são os cursos mais acessíveis e onde estão as notas mais baixas do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Ainda nessa esteira de pensamento o fator econômico prepondera na escolha, pois apesar da baixa remuneração para um curso de graduação, está acima do salário mínimo, contudo, muito abaixo da maioria dos cursos de nível superior. Isso reflete diretamente nas escolas, porque esses profissionais tiveram uma formação que não condiz com as reais necessidades da atual sociedade. Não podemos responsabilizá-los pela atual situação da educação no Brasil, afinal de contas, antes de ser professor, foi aluno e está repassando o que aprendeu na educação básica e na superior.

Pesa sobre os órgãos gerenciadores da educação nacional a responsabilidade de repensar a formação docente e ofertar curso de formação aos que estão em sala de aula atuando para que modifiquem sua prática pedagógica. Outro fator que desmotiva os professores é a baixa remuneração, sem condições de trabalho com uma jornada exaustiva. Repensar a prática de ensino, dará oportunidade de a leitura literária voltar a ter o espaço do qual nunca deveria ter deixado de ter.

Afirmar que o aluno não tem interesse é cômodo porque geralmente o demérito recai sobre o mesmo, porém devemos entender que esse aluno está em processo de formação e precisa de orientação. É mais fácil transferir a responsabilidade ao desinteresse do aluno, do que admitir que é falha de orientação dos responsáveis pela aprendizagem. Entende por responsáveis toda a sociedade. Conforme estudos recentes evidenciam, todo aluno é capaz de aprender, de desenvolver habilidades sociais, motoras, emocionais, etc. Nesse seguimento, a responsabilidade deve ser conjunta (sociedade-família- escola) pelo mérito ou demérito, pelo sucesso ou

fracasso desse aluno na escola e as consequências que trará para sua atuação em sociedade.

Não se pode desconsiderar o livro didático, porque em muitos casos é usado como única fonte de leitura desses jovens e é nele que se procura abordar a literatura e seus gêneros. Mas o livro nem sempre consegue suprir essa necessidade, porque sua leitura é direcionada, melhor dizendo: controlada e tem fins instrutivos específicos e não dá liberdade ao aluno de ler livremente.

Que a literatura precisa estar atuante na educação é um fato, mas é necessária uma reestruturação de todo o sistema de educação que temos, mesmo porque trata-se de um sistema baseado em disciplinas curriculares e a literatura, como sabemos, perpassa por todas as áreas do conhecimento, mas ao cair no conceito de disciplina, fica limitada e seu efeito social também é limitado.

A atual conjectura educacional não está atingindo seu objetivo porque os alunos estão cada vez menos interessados em ler e, quando leem, não leem com um objetivo, não há um direcionamento pedagógico. Para que a leitura de fato seja mais que uma obrigação e sim algo prazeroso, tanto a escola, como os professores e a família precisam empenhar-se para demonstrar que a leitura é um bem muito valioso que, quanto mais se pratica, mais capazes nos tornamos de compreender os processos sociais. O maior problema que se tem hoje como já foi dito é o aprisionamento disciplinar como um modelo que surgiu para atender à demanda por educação e essa solução encontrada está hoje enraizada no sistema educacional que perpassa tanto por profissionais da educação quanto por alunos.

Procurar a melhor estratégia para desenvolver no aluno o gosto e o hábito pela leitura, requer também dos profissionais habilidades e conhecimentos, para que a leitura seja uma ação rotineira na escola sem que o aluno a perceba como algo impositivo. Para que o aluno possa manifestar interesse, a aula precisa ser atrativa, o professor precisa ser um incentivador, demonstrar que a leitura não precisa ser feita como algo impositivo, obrigatório. Ela pode ser prazerosa ao mesmo tempo instrutiva e formativa.

O investimento na educação precisa ser sempre pensando no professor e no aluno, do contrário sempre será uma ação inútil e sem valor social e que esse investimento seja voltado para constante letramento das pessoas, seja elas em idade escolar ou adultos, porque o processo de letrar-se é constante e não pode ser interrompido. Logo, é por meio da leitura que o senso crítico é aperfeiçoado.

Com relação ao espaço na sala de aula da escola pesquisada, percebe-se que o local não é convidativo, porque é um local fechado, onde as janelas estão com faixas escuras para evitar o sol, o que as torna, de certo modo, inadequadas para a leitura. Na biblioteca, o espaço até é razoável, entretanto, os alunos não costumam frequentá-la.

Mediante esses resultados, buscamos no Projeto Político Pedagógico (Plano Gestor) da escola a existência de ações que contemplem projetos voltados para o letramento literário desses alunos. Após a leitura, identificamos que a escola tem conhecimento das dificuldades e que está desenvolvendo ações para reverter o baixo índice de aprovação, consequência da falta de leitura. Dentre as ações podemos evidenciar:

- Projeto Roda de leitura: trata-se de uma atividade que ajuda a construir uma comunidade de leitores e escritores na escola, que tenham múltiplas oportunidades de explorar novos livros, escolher suas leituras, apreciar as experiências que cada uma delas traz e as implicações na sociedade.
- Projeto: revitalização e humanização da biblioteca. A biblioteca deve ser um espaço de comunicação, um momento de socializar conhecimentos e não um templo sagrado de exposição de obras, ao contrário, jamais deve ser um espaço impositivo como forma de punição para “problemáticos”. Com esmero, é possível mostrar que a leitura é uma forma de comunicação, de informação, de aprendizado, de conhecimento e porque não de entretenimento.
- Projeto de leitura dos Haicais: esse projeto possibilita aos alunos o desenvolvimento da escrita por meio de brincadeiras.

A escola também possui uma ação voltada para o diagnóstico de leitura e aprendizagem em que procura saber o nível de compreensão dos alunos sobre interpretação de texto e aspectos linguísticos. A partir desses resultados, juntamente com o corpo docente e pedagógico, desenvolvem as ações para garantir melhorias no desempenho acadêmico dos alunos.

Outro dado que foi possível obter com essa pesquisa diz respeito ao tipo de leitura que os alunos gostam de fazer. A pesquisa mostrou que a preferência pela leitura de cultura geral ou informativa e que dita o gosto e os costumes da massa social, o que é característica facilmente encontrada na literatura popular.

Leitura escapista, de entretenimento ou distração, visa agradar ao público com uma leitura leve e descomplicada e, acima de tudo, por ser acessível, remonta os desejos dessa nova classe leitora.

Ambas as preferências acabam por culminar na leitura literária, que por sua vez também permite a fuga da realidade promovendo ao leitor a liberdade de ler temas livres de amarras e lhe viabiliza o letramento necessário para a compreensão da vida em sociedade.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Cultura letrada: literatura e leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

AZEVEDO, Ricardo. **Aspectos da Literatura Infantil no Brasil, hoje**. Disponível em: <<http://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/Aspectos-da-literatura-infantil-no-Brasil.pdf>>. Acessado em 25 de abril de 2017.

BARTHES, R. **Aula**. Trad.: L. Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1979.

BASTOS, Rogério Lustosa. **Ciências Humanas e Complexidades: Projetos, métodos e técnicas de pesquisa O caos, a nova ciência**. 2.ed. - Rio de Janeiro: E-papers, 2009.

BORELLI, Silvia Helena Simões. **Ação, suspense, emoção**. Literatura e cultura de massa no Brasil. São Paulo: Educ, Estação Liberdade, 1996.

BRANCO, António. Da 'leitura literária escolar' à "leitura escolar de/da literatura": poder e participação. In: PAIVA, Aparecida et al. (Orgs.). **Leituras literárias: discursos transitivos**. Belo Horizonte: Ceale; autêntica, 2014.

BRASIL: Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Decreto-lei n.º 8.460, de 26 de dezembro de 1945. **Consolida a Legislação sobre as Condições de Produção, Importação e Utilização do Livro Didático**.

Disponível em: <https://www.fnnde.gov.br/fndelegis/action/UrlPublicasAction.php?acao=abrirAtoPublico&sgl_tipo=DEL&num_ato=00008460&seq_ato=000&vlr_ano=1945&sgl_orgao=NI>. Acessado em 30 de outubro de 2015.

BRASIL. Decreto nº 7.084, de 27 de janeiro de 2010. **Dispõe sobre os programas de material didático e dá outras providências**. Disponível em:

<https://www.fnnde.gov.br/fndelegis/action/UrlPublicasAction.php?acao=abrirAtoPublico&sgl_tipo=DEC&num_ato=00007084&seq_ato=000&vlr_ano=2010&sgl_orgao=NI>. Acessado em 30 de outubro de 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria nº 2963 de 29/08/2005 / ME - Ministério da Educação (D.O.U. 30/08/2005). **Dispõe sobre as normas de conduta para o processo de execução dos Programas do Livro**. Disponível em:

<<https://www.diariodasleis.com.br/busca/exibmlink.php?numlink=1-83-29-2005-08-29-2963>>. Acessado em: 02/11/2015.

BRASIL. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. **Livro Didático Histórico**. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/programas/programas-do-livro/livro-did%C3%A1tico/historico>>. Acessado em 30 de outubro de 2015.

BRASIL. Lei nº 11.738, de 16 de julho de 2008. **Regulamenta a alínea “e” do inciso III do caput do art. 60 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o piso salarial profissional nacional para os profissionais do magistério público da educação básica**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11738.htm . Acessado em 17 janeiro de 2017.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Leitura e Política. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins (org). **Escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9. Ed. Ouro sobre Azul | Rio de Janeiro 2006.

_____. Vários escritos. In: **O direito à Literatura**. Rio de Janeiro. Ouro Sobre Azul, 2011.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARTIER, Anne-Marie. Leitura e saber ou a literatura juvenil e entre ciência e ficção. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins (org). **Escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

DIONÍSIO, Ângela Paiva. Gêneros multimodais e multiletramento. In: KARWOSKI, A.M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K.S. (Orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Palmas e união da Vitoria, PR: Kaygangue, 2005.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

GARCEZ, Lucília Helena do Carmo. **A escrita e o outro: os modos de participação na construção do texto**. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOULART, Cecília. Alfabetização e Letramento: Os processos e o lugar da Literatura. In: PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; CORRÊA, Hércules; VERSIANI, Zélia (Orgs.). **Literatura Saberes em movimento**. Belo Horizonte: Ceale, autêntica, 2007.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6ª ed. 13ª impressão. São Paulo: Editora Ática, 2006.

LEAL, Leiva de Figueiredo. Leitura e Formação de Professores. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins (org). **Escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LEFFA, Vilson J. **Aspectos da leitura**. Uma perspectiva psicolinguística. Porto Alegre: Sagra – D.C. Luzzatto Editores, 1996.

_____. **O ensino da leitura e produção textual Alternativas de renovação**. Pelotas – RS. Editora da Universidade Católica de Pelotas – UCPel, 1999.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. V. **Metodologia do Trabalho Científico**. 7º ed. São Paulo: Editora Atlas, 2009.

MARTINS, Aracy; VERSINANI, Zélia. Leituras literárias. In: PAIVA, Aparecida et al. (Orgs.). **Leituras literárias: discursos transitivos**. Belo Horizonte: Ceale; autêntica, 2014.

_____. Prefácio. In: **Leituras literárias: discursos transitivos**. Belo Horizonte: Ceale; autêntica, 2014.

OSAKABE, Haquira. Poesia e indiferença. In: PAIVA, Aparecida et al. (Orgs.). **Leituras literárias: discursos transitivos**. Belo Horizonte: Ceale; autêntica, 2014.

PAIVA, Aparecida; MACIEL Francisca. Leituras literárias. In: **Leituras literárias: discursos transitivos**. Belo Horizonte: Ceale; autêntica, 2014.

PAULINO, Graça. Algumas especificidades da leitura literária. In: **Leituras literárias: discursos transitivos**. Belo Horizonte: Ceale; autêntica, 2014.

PAZ, E. H. Massa de Qualidade. In: **I Seminário Brasileiro sobre o Livro e História Editorial**, 2004, Casa de Rui Barbosa. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa. Disponível em www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/elianehpaz.pdf. Acesso em 22/01/2017.

PETIT, Michéle. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. Trad. Souza, Celina Olga de. São Paulo, 2008.

RIBEIRO, Maria Solange Pereira. **Desenvolvimento de coleção na biblioteca escolar**: uma contribuição à formação crítica sócio-cultural do educando. Transformação, São Paulo, v.6, n.1/2/3, p.60-73, Jan./ Dez.1994.

SERRA, Elizabeth D'Angelo. Um panorama da literatura para crianças e jovens. In: **30 anos de literatura para crianças e jovens**: algumas leituras. Campinas: Mercado de Letras / Associação de Leitura do Brasil, 1998.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (org.). **Escolarização da leitura literária**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SANTANA, Ana Lucia. **Cultura de Massa**. Disponível em: <http://www.infoescola.com/sociedade/cultura-de-massa/>. Acessado em: 05 de março de 2016.